

DINÂMICA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINOS

Jean Von Hohendorff

Tese de doutorado apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia
sob orientação da Profa. Dra. Silvia Helena Koller
e co-orientação da Profa. Dra. Luisa Fernanda Habigzang

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, março de 2016

Dedico esta tese à minha mãe, que desde muito cedo dizia “Se ele seguir estudando, será doutor antes dos 30”, me incentivando sempre.

AGRADECIMENTOS

Se eu fosse instigado a sintetizar todo o meu doutorado em apenas uma palavra, essa palavra certamente seria *parceria*. Durante esses quatro anos, estabeleci diferentes parcerias que fizeram com que essa tese se tornasse realidade. Não me refiro somente às parcerias de trabalho, mas também às parcerias de ordem pessoal. Foram todas elas que me conduziram até esse momento e é para todas elas que endereço essa seção da minha tese que, em minha opinião, é uma das mais importantes – talvez não cientificamente, mas certamente afetivamente.

Agradeço inicialmente à minha mãe, pela presença constante e incentivo. Ao agradecê-la, estendo o agradecimento a toda minha família: vó, tios e tias, dindos e dindas, primo e primas. Todos, de uma forma ou de outra, me ajudaram nesses quatro anos de doutorado. Agradeço, ainda, à minha família de amigos, que trouxeram leveza a esses quatro anos. Agradeço especialmente ao Ricardo Rodrigues Silva e família, à Amanda Stadler, à Gislane Schmitz, à Roberta Salvador e família, à Sara Lucena e a todo o pessoal de Igrejinha.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar minha bolsa de doutorado, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo financiamento da pesquisa descrita nessa tese.

Agradeço àquelas que me orientaram na produção dessa tese: à minha orientadora, Silvia Helena Koller, sempre abrindo portas e me encorajando a ir adiante; à minha co-orientadora, Luísa Fernanda Habigzang, pela parceria e confiança. Um agradecimento especial à minha orientadora norte-americana, Debra Nelson-Gardell. Muito obrigado, Debra, por todo teu suporte acadêmico e pessoal durante minha estada em Tuscaloosa, e por se manter presente mesmo com a distância geográfica que nos separa [*A special thank for my North American advisor, Debra Nelson-Gardell. Thanks Debra for all your academic and personal support during my time in Tuscaloosa, and for being close even with the geographic distance between us*].

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos bons exemplos que foram para mim durante esses quatro anos. Dirijo um agradecimento especial à professora Débora Dalbosco Dell`Aglío, pela parceria em produções conjuntas e ao professor William Gomes pela relatoria dessa tese. Aos professores dessa banca, Christian Haag Kristensen, Liana Fortunato Costa e Simone Paludo, meu

muito obrigado por aceitarem contribuir com esse estudo com o grande conhecimento que possuem.

Agradeço aos meus colegas de grupos de pesquisa do Centro de Estudos Psicológicos CEP-Rua e Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPeVVIC), pelas parcerias de trabalho e conversas descontraídas. Aos colegas que se tornaram amigos, um obrigado especial por serem presença alegre e constante: Cepianos Airi, Ana Paula, Clarissa, Diogo, Eva, Maria Clara, Maurício, Milady, Normanda (e o *plus* Juliana) e GPeVVICanos Ilana, Luisa e Priscila. À Cris, presente que o GPeVVIC me deu, meu muito obrigado por tornar a reta final dessa tese mais leve com a sua especial companhia.

Agradeço aos serviços parceiros da coleta de dados dessa tese pela disponibilidade e força de vontade. Obrigado por aceitarem o desafio de coletar dados, mesmo diante da grande carga de trabalho que possuíam. Não posso nomeá-los aqui devido a confidencialidade, mas cada profissional tem minha gratidão. Da mesma forma, sou grato a cada menino que compartilhou sua história, contribuindo para que essa tese fosse possível.

Agradeço aqueles que foram meus parceiros na produção dessa tese. Aos meus IC's, Andrezza Postay e Maurício Sequeira de Matos, obrigado pelas reuniões, transcrições e produções. À Andrezza, meu especial agradecimento por cumprir com sua palavra, mesmo com certo atraso, me auxiliando (e muito!) do início ao fim dessa tese. Ao Maurício, meu agradecimento por me fazer exercer (e muito!) minha paciência. À professora Luciana Karine de Souza pela grande ajuda com a análise de dados e à Jeane Borges por aceitar a tarefa de ser juíza do principal estudo dessa tese.

Muito obrigado!

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO II. AN INTEGRATIVE CONCEPTUAL MODEL FOR ENHANCED UNDERSTANDING OF THE DYNAMICS OF SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN	28
.....	
A Chronological and Content Synthesis of Five Extant Models of Dynamics of Sexual Violence Against Children	29
Integration of the Dynamics of Sexual Violence Against Children Models	31
The Preparation	33
The Episodes	33
The Silencing	34
The Telling	36
The Repression	36
The Overcoming	37
Discussion	38
Conclusion	39
References	40
CAPÍTULO III. VAMOS TRABALHAR JUNTOS? ANÁLISE DE PROCESSO DE UMA PARCERIA ENTRE PESQUISADORES E A REDE DE ATENDIMENTO NO ESTUDO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES	41
Método	44
Participantes	44
Instrumento	44
Procedimentos	45
Processo de Construção de Parcerias	45

Coleta e Análise de Dados	45
Resultados	46
Pré-Parceria	46
Levantamento de Possíveis Serviços Parceiros	46
Contato Telefônico	46
Reunião com Possíveis Serviços Parceiros	48
Formalização da Parceria	48
Parceria	49
Contrapartida	49
Treinamento e Entrega do Material para a Coleta de Dados	50
Coleta de Dados	52
Acompanhamento da Coleta de Dados	54
Finalização	56
Opinião Geral	58
Possíveis Mudanças	59
Discussão	59
Referências	62
CAPÍTULO IV. “O SER VÍTIMA NÃO COLA MUITO FÁCIL, SABE?”: DINÂMICA DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINOS	65
Método	70
Participantes	70
Instrumentos	71
Procedimentos	72
Éticos e de Coleta de Dados	72
Análise de Dados	73
Resultados	74
Discussão	84
Referências	89
CAPÍTULO V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94

REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	101
Anexo A. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética	102
Anexo B. Termo de Concordância	104
Anexo C. Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	106
Anexo D. Ficha de Dados Sociodemográficos	110
Anexo E. Protocolo de Entrevista NICHD	111
Anexo F. Roteiro de Entrevista Semiestruturada Sobre Meninos Vítimas de Violência Sexual	125
Anexo G. Roteiro de Entrevista Semiestruturada Sobre Parceria.....	126
Anexo H. Tabela de Análise de Dados	128

LISTA DE TABELAS E FIGURA

CAPÍTULO I

Tabela 1. Produções Científicas Nacionais Sobre Meninos Vítimas De Violência Sexual.....	25
--	----

CAPÍTULO II

Tabela 1. Critical Findings from the Literature: Contribution of the Extant Models of Dynamics of Sexual Violence Against Children	31
Tabela 2. Overlap of Extant Models in Relation to the Proposed Integrative Conceptual Model ..	32
Figura 1. The Dynamics of Sexual Violence Against Children Phases/Stages Spiral	38
Tabela 3. Main Implications of the Review and the Proposed Integrative Conceptual Model for Practice, Policy, and Research	39

CAPÍTULO III

Tabela 1. Caracterização dos Participantes	44
--	----

CAPÍTULO IV

Tabela 1. Caracterização dos Meninos Participantes	70
Tabela 2. Caracterização dos Profissionais Participantes	71
Tabela 3. Temas, Subtemas e seus Exemplos a Partir das Entrevistas com os Meninos	75
Tabela 4. Temas, Subtemas e seus Exemplos a Partir das Entrevistas com os Profissionais	76

RESUMO

Objetivou-se conhecer a possível dinâmica da violência sexual contra meninos. A tese é composta por três artigos: um artigo no qual um modelo integrativo conceitual da dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes é proposto; um artigo empírico de apresentação e avaliação das parcerias estabelecidas para a coleta de dados; e um artigo empírico com os resultados do estudo sobre a dinâmica da violência sexual contra meninos. Participaram do principal estudo dessa tese quatro meninos vítimas de violência sexual e quatro psicólogos da rede de atendimento às vítimas de violência sexual. A análise das entrevistas evidenciou a menor visibilidade das situações de violência sexual contra meninos, a influência de padrões sociais de masculinidade e o despreparo da rede de atendimento para intervenção nesses casos. A maior compreensão da violência sexual contra meninos é necessária para a implantação de estratégias de intervenção adaptadas às necessidades de meninos vítimas.

Palavras-chave: Violência sexual contra meninos; Dinâmica da violência sexual; Rede de atendimento

ABSTRACT

The aim of this doctoral dissertation was to investigate the possible dynamics of sexual violence against boys. The dissertation is composed of three articles: an article proposing a conceptual integrative model of the dynamics of sexual violence against children; an empirical article regarding the evaluation of partnerships with assistance networks developed for data collection; and an empirical article with the results of the study on the dynamics of sexual violence against boys. Participants were four boys victims of sexual violence and four psychologists of assistance networks. The results showed a lower visibility of sexual violence against boys, the influence of social standards of masculinity, and the lack of professional specialization for delivering intervention for the victims. A greater comprehension of sexual violence against boys is necessary for the implementation of more effective intervention strategies adapted to the needs of boy victims.

Keywords: Sexual violence against boys; dynamics of sexual violence; assistance networks

APRESENTAÇÃO

Inicialmente, o objetivo da pesquisa proposta para essa tese foi o de conhecer a dinâmica da violência sexual contra meninos, ou seja, seus padrões de ocorrência, bem como suas consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento nesses casos. Os participantes da pesquisa deveriam ser meninos vítimas de violência sexual intra ou extrafamiliar com idade pré-definida. Foi planejado que os cuidadores não-abusivos dessas vítimas e os profissionais da rede de atendimento também participariam da pesquisa. Seriam utilizados dois roteiros de entrevista distintos – sendo um para as vítimas e um para os cuidadores – além de um questionário autoaplicável que deveria ser respondido pelos profissionais. Esse questionário continha duas seções, uma com perguntas sobre informações profissionais (e.g., formação, experiência profissional) e outra com perguntas sobre encaminhamentos que deveria ser respondida para cada menino entrevistado.

O projeto de pesquisa foi apresentado para pesquisadores *experts* que o avaliaram. Inicialmente, foi proposto que um dos pesquisadores responsáveis conduzisse as entrevistas com as vítimas e cuidadores. Tal procedimento foi revisto levando-se em consideração o bem-estar dos participantes. Tendo em vista o número de entrevistas que as vítimas de violência sexual participam, expô-las a mais uma seria inadequado do ponto de vista psicológico e ético. Optou-se, então, por solicitar aos profissionais da rede de atendimento que eles mesmos fizessem tal entrevista, bem como a entrevista com os cuidadores.

O protocolo NICHD (*National Institute of Child Health and Human Development*) foi escolhido como instrumento para coleta de dados com as vítimas. Trata-se de um protocolo de entrevista forense considerado o sistema de entrevista com vítimas de violência mais conhecido e estudado mundialmente (La Rooy et al., 2015). Foi utilizada a versão do protocolo NICHD traduzida e adaptada ao português brasileiro por pesquisadores brasileiros (Williams, Hackbarth, Blefari, & Padilha, 2012), disponível no *website* oficial do NICHD. Após sua escolha, o pesquisador responsável pela pesquisa foi capacitado por um profissional *expert* em seu uso. Uma vez habilitado, esse estava apto a capacitar os profissionais da rede de atendimento que conduziriam as entrevistas com os meninos vítimas de violência sexual.

Optou-se por delimitar o tipo de serviço no qual os dados seriam coletados e a categoria profissional responsável pela condução das entrevistas com o objetivo de padronizar os

procedimentos de coleta de dados. Os serviços que oferecem atendimento psicossocial e/ou psicoterapia, tal como os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), foram escolhidos como serviços da rede nos quais a coleta seria realizada, e os psicólogos desses serviços como os entrevistadores. Tais escolhas foram feitas pensando na permanência das crianças para acompanhamento psicossocial e/ou psicoterápico nos serviços e na condução das entrevistas pelos profissionais que realizariam esse acompanhamento posterior. Dessa forma, as informações coletadas na entrevista também seriam aproveitadas pelos profissionais para o planejamento das futuras intervenções nos serviços da rede.

Tomadas as decisões iniciais acerca do projeto de pesquisa, esse foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de ensino da qual os pesquisadores faziam parte. O mesmo foi aprovado com o parecer número 450.002. Em seguida, iniciou-se o processo de construção de parcerias e, posteriormente, a coleta de dados. Devido a fatores como o baixo número de casos de meninos vítimas de violência sexual encaminhados aos serviços parceiros, ao não preenchimento do questionário sobre informações profissionais e de encaminhamento de meninos vítimas e a não realização ou gravação das entrevistas com os cuidadores não-abusivos, decidiu-se por focar a coleta de dados apenas com meninos vítimas. Visando a complementar a coleta de dados, optou-se por entrevistar os profissionais parceiros acerca de suas experiências na atuação com meninos vítimas de violência sexual.

Após os ajustes realizados durante a coleta de dados, o objetivo inicial da pesquisa - conhecer a dinâmica da violência sexual contra meninos, bem como suas consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento nesses casos - foi revisto. O objetivo de investigar a dinâmica da violência sexual contra meninos foi mantido, enquanto que os objetivos de conhecer suas consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento não foram mantidos. Mesmo não mantendo tais objetivos, estes foram contemplados de forma indireta nas entrevistas realizadas com meninos e, principalmente, com profissionais da rede. Nessas entrevistas, aspectos relativos às consequências da violência sexual para meninos vítimas e à atuação das redes foram relatados pelos participantes.

O objetivo de conhecer a possível dinâmica da violência sexual contra meninos surgiu a partir do trabalho de mestrado do autor dessa tese, no qual um modelo de intervenção cognitivo-comportamental foi adaptado e avaliado para uso com meninos vítimas (Hohendorff, 2012; Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2013; Hohendorff, Salvador-Silva, Andrade, Habigzang, & Koller,

2014). O relato dos meninos vítimas de violência sexual participantes do estudo de mestrado despertou o interesse em conhecer mais como a violência sexual contra crianças e adolescentes costuma acontecer. Diante disso, buscou-se revisar mais profundamente a literatura sobre a dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes. Cinco diferentes proposições (Finkelhor & Browne, 1985; Furniss, 1991; Sgroi, Blick, & Porter, 1982, Spiegel, 2003; Summit, 1983) foram encontradas. Dessas, uma é exclusiva para vítimas do sexo masculino (Spiegel, 2003). À medida que as proposições eram estudadas e utilizadas em atividades acadêmicas (e.g., aulas, palestras, cursos), similaridades e complementaridades entre elas foram sendo percebidas. Tais similaridades e complementaridades foram agrupadas em um modelo integrativo conceitual. Em 2014, esse modelo foi publicado pela primeira vez no livro “Violência sexual contra meninos: Teoria e intervenção” (Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2014). Esse livro é um produto dos estudos de doutorado e de mestrado do autor. Reúne cinco capítulos de revisão da literatura, que foi realizada para o projeto de doutorado, além de um capítulo com a descrição do modelo Superar de intervenção psicológica para meninos vítimas de violência sexual, que foi adaptado e avaliado durante o mestrado do autor (Hohendorff et al., 2014).

Durante a realização do doutorado sanduíche na *University of Alabama School of Social Work*, o modelo integrativo conceitual da dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes foi revisado. Esta revisão deu origem ao primeiro artigo que compõe essa tese em seu segundo capítulo: “*An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children*”, submetido à revista *Trauma, Violence, & Abuse*. Nesse modelo integrativo conceitual, a dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes foi proposta por meio de seis fases/estágios: (1) Preparação; (2) Episódios; (3) Silenciamento; (4) Narrativa; (5) Repressão; e (6) Superação.

O estudo da dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes indica a complexidade desses casos. Diversos fatores relacionais, familiares, sociais e culturais contribuem para que a situação de violência seja mantida em segredo. Além de se configurar como uma situação de risco para as vítimas, a manutenção do segredo sobre a violência sexual impõe desafio para pesquisadores da área. Para que possam estudar o fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes, pesquisadores geralmente recorrem às vítimas e/ou seus familiares para a coleta de dados. Dessa forma, a disponibilidade de participantes para pesquisa está condicionada ao número de casos que são revelados e notificados.

A pesquisa com grupos vulneráveis, tais como crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, requer cuidados éticos especiais quanto ao bem-estar dos participantes. Devido a isso, pesquisadores usualmente recorrem aos serviços da rede de atendimento às vítimas para a realização de pesquisas. A coleta de dados em serviços da rede facilita o acesso às vítimas, bem como garante que estas terão assistência caso a pesquisa gere algum mal-estar. Embora essas parcerias sejam recorrentes, as estratégias utilizadas na sua formação ainda são pouco abordadas em publicações científicas (Costa, Penso, & Almeida, 2006). Tendo em vista que a coleta de dados para esta tese foi realizada por meio de parcerias com serviços da rede, buscou-se realizar uma análise do processo de formação das parcerias estabelecidas. O terceiro capítulo desta tese consiste no artigo “Vamos trabalhar juntos? Análise de processo de uma parceria entre pesquisadores e a rede de atendimento no estudo sobre violência sexual contra crianças e adolescentes”, a ser submetido após apreciação da banca examinadora. Nesse artigo, o processo de construção das parcerias com os cinco serviços da rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual para a coleta de dados dessa tese foi descrito e analisado. A descrição do processo de construção das parcerias foi dividida didaticamente em etapas (i.e., pré-parceria, parceria e finalização) e subetapas (e.g., formalização da parceria, coleta de dados). A análise do processo de parceria foi realizada por meio de entrevistas com os profissionais ($N=5$) dos serviços parceiros, nas quais as suas opiniões em relação a cada etapa e subetapa da parceria foram questionadas.

A coleta de dados nos cinco serviços parceiros de cinco diferentes municípios do Rio Grande do Sul ocorreu durante mais de um ano. Nesse período, quatro entrevistas com meninos vítimas de violência sexual foram realizadas. Os profissionais dos serviços parceiros ($N=4$) também foram entrevistados. O objetivo dessas entrevistas foi o de acessar as percepções dos profissionais sobre casos de meninos vítimas de violência sexual. A análise das entrevistas realizadas com os meninos vítimas de violência sexual ($N=4$) e com os profissionais parceiros na coleta de dados ($N=4$) foi o foco do artigo “*O ser vítima não cola muito fácil, sabe?*”: Dinâmica da violência sexual contra meninos”, que compõe o quarto capítulo dessa tese, a ser submetido após apreciação da banca examinadora. As fases/estágios propostas no artigo “*An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children*” foram utilizadas como temas de análise das entrevistas realizadas com os meninos e com os profissionais.

No quinto capítulo – Considerações Finais – a integração dos três artigos que compõe essa tese foi discutida. Além disso, os principais resultados alcançados de acordo com o objetivo dessa

tese, destacando questões geradas, limitações e implicações para futuras pesquisas, foram abordados.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O início do estudo científico da violência sexual é atribuído a Ambroise Tardieu, médico francês, que em 1862 publicou o livro *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* (i.e., Estudo forense sobre crimes sexuais). Nesse livro, o autor aborda as alterações físicas decorrentes da violência sexual com ênfase à anatomia feminina (e.g., clitóris, hímen, vagina). A menção aos casos envolvendo vítimas do sexo masculino foi feita no capítulo sobre pederastia e sodomia (Tardieu, 1862). No entanto, foi somente no final do século XIX que a violência sexual ganhou atenção social. Feministas americanas e britânicas reivindicaram atenção aos casos de violência sexual sofrida por meninas e mulheres, enfatizando a necessidade de penas mais severas aos agressores. Sigmund Freud, ao publicar um texto em 1896 no qual afirmava que a origem da histeria em mulheres era a ocorrência de violência sexual na infância, também contribuiu para dar maior visibilidade social ao fenômeno. Infelizmente, um ano mais tarde, Freud desmentiu sua proposição inicial alegando que as memórias da violência sexual eram, na verdade, fantasias. Isso contribuiu para que, naquela época, a violência sexual não fosse considerada um problema social (Olafson & Corwin, 1993).

A atenção contemporânea aos casos de violência contra crianças e adolescentes é atribuída a Kempe, médico pediatra americano que, em 1962, publicou um artigo - “*The battered syndrome*” -, no qual a incidência, manifestações clínicas e técnicas de avaliação e manejo da violência física contra crianças foram abordadas (Kempe, Silverman, Steele, Droegemueller & Silver, 1962). Após 15 anos, foi Kempe quem fundou a *International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect* (ISPCAN) e a revista *Child Abuse and Neglect – The International Journal*, sociedade e revista que são referências mundiais na área de violência contra crianças e adolescentes (Krugman & Ferrier, 1988). A fundação da revista *Child Abuse and Neglect – The International Journal* pode ter influenciado o movimento de intensificação dos estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes que ocorreu a partir da década de 80.

Os estudos contemporâneos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes tiveram como foco a sua caracterização e identificação. As publicações das décadas de 80 e 90 abordavam a identificação da violência sexual centrada em exames de colposcopia (i.e., exame do trato genital feminino inferior - vulva, vagina e colo do útero) e de identificação de possíveis mudanças na

anatomia do hímen, considerando, portanto, somente situações nas quais havia penetração (Méllo, 2006). Foi ainda na década de 80 que a consideração da violência sexual contra crianças e adolescentes como evento traumático teve maior ênfase. O artigo de Finkelhor e Browne (1985), no qual os autores descreveram quatro dinâmicas traumagênicas (i.e., sexualização traumática, deslealdade, impotência e estigmatização) é considerado o marco inicial dos estudos sobre as consequências da violência sexual para crianças e adolescentes.

No Brasil, a atenção aos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, bem como demais violações de direitos, tiveram maior atenção a partir da aprovação da Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990, conhecida como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Essa Lei indica que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (Artigo 5), sendo obrigatória a notificação de “casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente [...] ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais” (Artigo 13). A violência sexual contra crianças e adolescentes é considerada, portanto, uma violência ou maus-tratos, sendo uma violação dos direitos humanos que requer intervenção visando à proteção da vítima.

O conceito de violência sexual contra crianças e adolescentes mais difundido no Brasil é o do Ministério da Saúde (2002). Esse conceito indica que todo e qualquer ato ou jogo sexual, tanto em relações heterossexuais quanto homossexuais, no qual os agressores estão em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que a vítima, é considerado violência sexual contra crianças e adolescentes. Tais atos ou jogos sexuais consistem em práticas eróticas e sexuais impostas às vítimas por meio de indução de vontade, ameaças e/ou violência física. Pode envolver atos nos quais não há contato físico (e.g., exibição de pornografia, *voyeurismo*, exibicionismo) e atos nos quais há contato físico (e.g., toques, masturbação, penetração). As situações de caráter monetário, nas quais a criança ou o(a) adolescente recebe algo em troca do ato sexual (e.g., roupa, comida, dinheiro) e/ou é agenciado(a) por um(a) adulto(a) que visa ao lucro, configuram-se como exploração sexual. O conceito de violência sexual contra crianças e adolescente adotado no Brasil está em consonância com o conceito adotado pela *World Health Organization* (WHO) e pela ISPCAN (2006): envolvimento de uma criança ou adolescente em atividade sexual não compreendida totalmente, sendo esses incapazes de dar consentimento, ou para a qual não estão preparados devido

ao seu estágio desenvolvimental, acrescentando-se o fato de que a violência sexual viola leis ou tabus da sociedade.

Em termos legais, a violência sexual contra crianças e adolescentes é tipificada, principalmente, como estupro e como estupro de vulnerável desde a aprovação da Lei n. 12015, de 7 de agosto de 2009 (Brasil, 2009). O crime de estupro consiste em “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Artigo 213), enquanto que o crime de estupro de vulnerável diz respeito a “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos” (Artigo 217-A). Antes da aprovação desta Lei, o Código Penal Brasileiro (Brasil, 1940) tipificava o crime de estupro considerando como potenciais vítimas apenas mulheres: “constranger mulher a conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”. A conjunção carnal consistia na penetração pênis-vagina. Situações de violência sexual nas quais as vítimas eram do sexo masculino ou nas quais não havia conjunção carnal eram tipificadas como atentado violento ao pudor - “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal”.

Assim como ocorreu com a legislação brasileira, o foco dos estudos científicos nacionais sobre violência sexual costuma ser as situações contra vítimas do sexo feminino. Tal panorama é evidente ao se analisar o público-alvo dos estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. Nesses estudos, as participantes costumam ser somente meninas ou seus familiares (e.g., Cerqueira-Santos, Rezende, & Correa, 2010; Habigzang, Ramos, & Koller, 2011; Santos & Dell’Aglío, 2013) ou maioria da amostra (e.g., Serafim, Saffi, Achá, & Barros, 2011). Para além dos objetivos dos estudos, a presença majoritária de meninas pode indicar a maior disponibilidade desses casos para a realização de pesquisas. Tendo em vista que os pesquisadores geralmente recorrem aos serviços das redes de proteção e de atendimento para a realização de coleta de dados (e.g., Cerqueira-Santos et al., 2010; Santos & Dell’Aglío, 2013; Serafim et al., 2011), o maior número de estudos com meninas vítimas pode ser um indicativo da maior prevalência desses casos nestes serviços.

Dados sobre a prevalência da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil são difíceis de obter devido a fatores como a subnotificação, a falta de padronização das ferramentas de notificação e a falta de sistematização pelo poder público. No Brasil, o Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, por meio do Disque Direitos

Humanos (Disque 100), recebe notificações de casos de violência contra crianças e adolescentes de todo o país. Periodicamente, tal Programa divulga relatórios com informações sobre as notificações de violência contra crianças e adolescentes. Embora essa seja uma das únicas, senão a única, iniciativa de sistematização de dados epidemiológicos da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, os relatórios apresentam diversas fragilidades. Esses costumam ser referentes a períodos de tempo distintos dificultando a comparação dos dados, não apresentam informações sobre o desfecho dos casos (i.e., confirmados ou não) e não há explicação sobre o método de análise de dados utilizado.

Os dois últimos relatórios divulgados pelo Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (2010, 2011) são referentes aos períodos entre maio de 2003 a março de 2010 e janeiro a março de 2011, respectivamente. Em relação ao primeiro período (i.e., maio de 2003 a março de 2010), foram 214.689 vítimas com sexo informado registradas nas notificações de violência sexual, negligência, violência física e psicológica. Dentre essas notificações, o percentual que mais diferiu entre as vítimas do sexo masculino e feminino foi nas situações de violência sexual. Apenas a porcentagem de casos de violência sexual foi divulgada, sendo 38% para o sexo masculino e 62% para o sexo feminino. Especificamente sobre os registros de violência sexual, foi verificado que em todas as modalidades apresentadas (i.e., exploração sexual, tráfico de crianças e adolescentes, abuso sexual e pornografia), as vítimas do sexo feminino foram em maior número, obtendo o índice de 82% nas ocorrências de exploração sexual (Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2010).

Posteriormente, foi divulgado relatório no qual o período de análise variou de acordo com o foco das análises (e.g., por unidade federativa). Em relação ao sexo da suposta vítima, o período analisado foi o de janeiro a fevereiro de 2011. Nesse período, foram recebidas 11.077 notificações de casos de violência sexual, negligência, violência física e psicológica. Mais uma vez, o percentual que mais diferiu entre as vítimas do sexo masculino e feminino foi nas notificações de violência sexual, sendo 22% para o sexo masculino e 78% para o sexo feminino. Os percentuais para meninas e meninos nos casos de exploração sexual, tráfico de crianças e adolescentes, abuso sexual e pornografia foram, respectivamente, 80% e 20%, 67% e 33%, 77% e 23%, e 69% e 31% (Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2011).

Mais recentemente, dados do Disque Direitos Humanos referentes ao primeiro semestre de 2015 foram divulgados em uma notícia no *website* da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (2015). Nessa notícia, foi divulgado que entre janeiro e março de 2015 foram 4.480 notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes. Dentre os tipos de violência sexual, o abuso sexual foi o mais frequente, correspondendo a 85% das notificações, seguido pela exploração sexual com 23%. Uma mesma notificação poderia conter mais de um tipo de violência sexual. Diferentemente do que ocorreu nos relatórios divulgados em 2010 e 2011, a definição dos dois tipos mais frequentes de violência sexual notificados foram inclusas. O abuso sexual foi descrito como situações que ocorrem “quando o agressor, por meio da força física, ameaça ou seduz [sedução], usa crianças ou adolescentes para a própria satisfação sexual” e a exploração sexual como a “utilização sexual de meninas e meninos com a intenção de obter lucro”. Não foram divulgadas informações sobre o sexo das possíveis vítimas, apenas a distribuição das notificações de acordo com o estado de origem. O Rio Grande do Sul apareceu em sexto lugar com 245 notificações. Os três primeiros estados no *ranking* foram São Paulo (737 notificações), Rio de Janeiro (404) e Minas Gerais (389), enquanto os três últimos foram Tocantins (14), Amapá (12) e Roraima (9).

Os dados provenientes do Disque Direitos Humanos são referentes somente às notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes. Esses dados, portanto, não dizem respeito à totalidade de casos, uma vez que muitas situações são mantidas em segredo. Devido a isso, o conhecimento da prevalência da violência sexual contra crianças e adolescentes na população geral é um desafio. Apenas um estudo brasileiro sobre a prevalência da violência sexual entre crianças e adolescentes de ambos os sexos, na população geral, é encontrado em bases de dados (Polanczyc, Zavaschi, Benetti, Zenker, & Gamerman, 2003). A prevalência da violência sexual foi investigada por meio da aplicação de um instrumento de triagem em 1193 adolescentes entre 13 e 20 anos, provenientes de escolas públicas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Dentre os adolescentes respondentes, 27 (2,3%) foram vítimas de violência sexual, sendo 11 (40,7%) meninos e 16 (59,3%) meninas.

Recentemente, duas meta-análises de estudos sobre a prevalência mundial da violência sexual entre crianças e adolescentes foram publicadas (Barth, Bermetz, Heim, Trelle, & Tonia, 2013; Stoltenborgh, van IJzendoorn, Euser, & Bakermans-Kranenburg, 2011). Em ambas, a prevalência da violência sexual contra meninos foi menor do que a violência sexual contra

meninas. Stoltenborg et al. (2011) analisaram 217 estudos realizados em países norte e sul americanos, europeus, asiáticos, africanos e australianos, publicados entre 1980 e 2008, resultando em 331 amostras independentes, totalizando 9.911.748 participantes. A prevalência mundial estimada da violência sexual contra crianças e adolescentes foi de 11.8%. Em relação ao sexo, a prevalência estimada para meninas foi de 18% e para meninos foi de 7.6%, sendo essa diferença significativa, $Q(1) = 92.63$; $p < .01$. A prevalência mundial recente da violência sexual contra crianças e adolescentes foi analisada por Barth et al. (2013). Para tal, apenas estudos publicados após 2002 e com dados coletados a partir de 2000 foram incluídos. Os estudos ($N=55$) foram provenientes de 24 países diferentes, sendo três do Brasil. Desses, apenas um continha dados de prevalência da violência sexual contra meninas e meninos (Polanczyk et al., 2003) – os outros dois eram exclusivos de meninas. Barth et al. (2013) analisaram a prevalência da violência sexual contra crianças e adolescentes conforme seu tipo: sem contato (31% meninas, 17% meninos), abuso sexual misto (i.e, mais de um tipo ou inespecífico; 15% meninas, 8% meninos), com contato (13% meninas, 6% meninos), e intercurso forçado (9% meninas, 3% meninos).

A diferença na prevalência da violência sexual entre meninos e meninas pode estar atrelada a sua maior ocorrência entre meninas e/ou ser devida a maior relutância dos meninos em revelar o ocorrido (Stoltenborg et al., 2011). Estudos nacionais e internacionais sobre violência sexual contra meninos são escassos. Internacionalmente são encontrados estudos realizados com homens adultos que foram vítimas na infância. Os resultados desses estudos oferecem suporte empírico à hipótese de que meninos teriam maior relutância em revelar a violência sexual (Alaggia & Millington, 2008; Easton, Saltzman, & Willis, 2014; Kia-Keating, Grossman, Sorsoli, & Epstein, 2005; Lisak, 1994; Sorsoli, Kia-Keating, & Grossman, 2008).

O processo de revelação é considerado um desafio pelos homens em face às normas sociais de gênero que indicam que homens são imunes à vitimização ou são inadequados quando vitimados (Alaggia & Millington, 2008). Homens com histórico de violência sexual tendem a não realizar a revelação na infância/adolescência. Embora sofram com consequências da violência sexual como o isolamento, a dor e a vulnerabilidade, o estoicismo atrelado ao gênero masculino dita que tais sentimentos não devem ser compartilhados. A violência sexual mina intrinsecamente sentimentos de poder e controle com os quais meninos são socializados. A influência da ideologia masculina acaba, portanto, fazendo com que meninos não reportem a violência sexual e não busquem ajuda profissional (Kia-Keating et al., 2005). A influência das normas de gênero e

percepções sobre sexualidade no processo de superação costuma ser o fator mais saliente nos estudos com homens vítimas. Especificamente, preocupações quanto à homossexualidade são frequentes em situações nas quais os agressores também são do sexo masculino. Desta forma, considera-se que normas de gênero podem impedir o processo de superação da experiência de violência sexual (Lisak, 1994).

Estudos internacionais com homens adultos que foram vítimas na infância indicam barreiras à revelação da violência sexual pelas vítimas. Estas barreiras são resultantes da interação de fatores pessoais e contextuais (Easton et al., 2014; Sorsoli et al., 2008) e podem ser agrupadas em diferentes domínios: *barreiras pessoais* (e.g., emoções negativas, tais como medo, vergonha e culpa; prontidão emocional para revelação e falta de segurança emocional para revelação; dificuldade em reconhecer e/ou nomear a experiência como violência sexual e/ou dificuldade em abordá-la; falta de consciência sobre a experiência, evitação intencional da memória; vergonha; e preocupação quanto à orientação sexual), *barreiras interpessoais/relacionais* (e.g., medo de repercussões negativas após revelação; isolamento; dificuldade em confiar nos outros; medo de ser tachado como gay; diferença de poder entre agressores e vítimas em termos de idade, força física, status social; respostas negativas às tentativas de revelação prévias), e *barreiras socioculturais/sociopolíticas* (e.g., normas de masculinidade; falta de recursos disponíveis, tais como serviços para o público masculino; invisibilidade social da violência sexual contra vítimas do sexo masculino).

A dificuldade em revelar a violência sexual é um aspecto evidente ao se analisar a dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes. A descrição sistemática dos padrões de ocorrência da violência sexual contra crianças e adolescentes, na qual se identificam aspectos contextuais, temporais, psicológicos, interpessoais, familiares e sociais que a produzem e impactam, ou que a iniciam e mantêm, é denominada dinâmica da violência sexual (Spiegel, 2003). Desde a década de 80, estudiosos têm buscado descrever tal dinâmica tendo como ênfase os estágios da violência sexual (Sgroi, Blick, & Porter, 1982; Spiegel, 2003), a manutenção do segredo sobre sua ocorrência (Furniss, 1991; Summit, 1983), os comportamentos das vítimas e dos agressores (Furniss, 1991; Summit, 1983), e as consequências relacionadas à vitimização (Finkelhor & Browne, 1985). Em todas essas descrições sistemáticas dos padrões de ocorrência da violência sexual contra crianças e adolescentes, a dificuldade das vítimas em relatar o ocorrido é enfatizada por meio de fatores que vão desde o microssistema até o macrossistema.

A presença de chantagens, ameaças e barganhas na relação agressores-vítimas e a falta de credibilidade de algumas famílias no relato das vítimas são exemplos de fatores microssistêmicos (Furniss, 1991; Summit, 1983). As crenças sociais sobre sexualidade (e.g., tabu, algo que não pode ser falado) e sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes (e.g., culpabilização das vítimas: meninas sedutoras provocam a violência sexual; negação da ocorrência da violência sexual: meninos não correm risco) são exemplos de fatores macrossistêmicos. Os fatores macrossistêmicos receberam atenção especial de Spiegel (2003) ao propor um modelo de dinâmica da violência sexual específico para situações nas quais as vítimas são do sexo masculino.

De acordo com Spiegel (2003), a violência sexual contra vítimas do sexo masculino tende a ocorrer em sete categorias (i.e., fases): (1) Sujeição, que consiste na aproximação dos agressores das vítimas; (2) Violência sexual, ou seja, o(s) episódio(s) de violência sexual; (3) Encobrimento e (4) Invalidação, nas quais as vítimas mantêm o segredo sobre a violência sexual e agem negando sua ocorrência; (5) Reconciliação, ou seja, a aceitação da ocorrência da violência sexual; (6) Compensação, evidenciada pela busca das vítimas em agir, exacerbadamente, de acordo com padrões de masculinidade ou de uma forma afeminada ou, ainda, assexuada, com o objetivo de manejar o conflito relacionado à contradição entre o papel atribuído ao gênero masculino (e.g., forte, invulnerável) e o papel de vítima (e.g., frágil); e (7) Continuidade, ou seja, o ciclo de violência sexual tende a continuar até que a vítima receba ajuda adequada e seja protegida. Nas categorias 3 à 7, Spiegel (2003) aborda a influência de percepções sociais sobre a violência sexual contra meninos e homens.

Por se tratar de um tema ainda pouco discutido socialmente, a violência sexual contra vítimas do sexo masculino parece ser um fenômeno quase que inexistente. Isso tende a ocorrer devido à percepção social do gênero masculino (i.e., os meninos e homens devem ser fortes, invulneráveis e não demonstrarem sentimentos), que é incompatível com as características atribuídas a uma vítima de violência – frágil, desprotegida (Alaggia & Millington, 2008; Lisak, 1994; Kia-Keating et al., 2005; Spiegel, 2003). Quando se pensa em violência sexual, a tendência é a de se seguir uma lógica binária excludente (i.e., sexo masculino = agressor, sexo feminino = vítima). Devido a isso, vítimas do sexo masculino podem buscar encobrir a ocorrência da violência sexual ou negar a sua ocorrência.

A negação da violência sexual pela vítima masculina é uma estratégia pouco efetiva, uma vez que há um dado de realidade (i.e., sua ocorrência) que impede a vítima de simplesmente negá-

la. Devido a isso, as vítimas masculinas buscam se reconciliar, ou seja, aceitar a ocorrência da violência sexual como algo que deve ser suportado individualmente. Tal aceitação indica, mais uma vez, a influência de percepções sociais sobre gênero. Se a violência sexual contra vítima do sexo masculino não é comentada e se o papel de vítima não é coerente com expectativas sociais de gênero masculino, logo o menino ou homem vítima deve suportá-la calado visando a não contrariar tais percepções. Caso não recebam a ajuda adequada, o que é frequente devido à falta de atenção social à violência sexual contra vítimas do sexo masculino, meninos e homens permanecem em risco para a continuidade da violência sexual (Spiegel, 2003).

A produção e a divulgação de conhecimento científico sobre a violência sexual contra vítimas do sexo masculino é uma forma de se tentar aumentar a atenção social a esse fenômeno. No entanto, as dificuldades que vítimas do sexo masculino têm em revelar a violência sexual, bem como a menor consideração desses casos pela população em geral, é um desafio na condução de pesquisas. Tendo em vista que os casos disponíveis para estudo são os casos revelados e notificados, a escassez de potenciais participantes de pesquisa é evidente. Diferentemente do cenário internacional, no qual os estudos costumam ser realizados com homens adultos vitimizadas na infância, os estudos brasileiros têm como participantes meninos vítimas. Até o ano de 2012, o único estudo encontrado em bases de dados de artigos científicos era o de Almeida, Penso e Costa (2009). Além desse estudo, eram encontradas produções como dissertações de mestrado (Kristensen, 1996; Prado, 2006) e livros (Pinto Junior, 2005; Pires Filho, 2009). A partir de 2012, a publicação de artigos científicos sobre violência sexual contra meninos se intensificou (Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2012; Hohendorff, Habigzang, Rodrigues, & Koller, 2012; Hohendorff, Costa, Habigzang, & Koller, 2014; Hohendorff, Salvador-Silva, Andrade, Habigzang, & Koller, 2014; Hohendorff, Santos, & Dell'Aglio, 2015).

A análise das produções científicas nacionais sobre meninos vítimas de violência (ver Tabela 1) indica alguns padrões de investigação desse fenômeno. Especificamente em relação aos estudos empíricos, percebe-se a predominância de estudos qualitativos, com participação de três a seis meninos, os quais foram acessados por meio de serviços da rede (e.g. conselhos tutelares, centros de atendimento). Além de meninos, suas famílias e profissionais que os atendem também foram participantes de alguns estudos. A dificuldade dos meninos em realizar a revelação, dúvidas quanto à orientação sexual e necessidade de maior visibilidade da violência sexual contra meninos são conclusões frequentes dos estudos brasileiros.

Tabela 1

Produções Científicas Nacionais sobre Meninos Vítimas de Violência Sexual

<i>Tipo de publicação/ Autor(es)</i>	<i>Tipo/Delineamento</i>	<i>Objetivo</i>	<i>Participantes (N)</i>	<i>Acesso aos participantes</i>	<i>Meio de coleta de dados</i>	<i>Principais conclusões</i>
Disseração/ Kristensen (1996)	Qualitativo empírico	Compreender a experiência de abuso sexual para os meninos	Meninos vítimas (6)	Escola e Conselho Tutelar	Entrevistas e prontuários	Meninos expressam prejuízos vivenciais e relacionais; experienciam dilema entre revelar e não revelar, confusão quanto à orientação sexual; presença de comportamento sexualizado, revitimização e comportamento abusivo.
Livro/ Pinto Junior (2005)	Qualitativo empírico	Compreender o sentido da experiência de vitimização sexual doméstica para os meninos	Meninos vítimas (3)	Conselho Tutelar e Centro de Referência à Infância e Adolescência	Entrevistas e desenhos- estória	Multiplicidade de sentidos atribuídos à experiência de violência sexual; cultura e concepções de masculinidade interferem na forma como os meninos significam a vitimização, bem como levam o menino a se calar e se culpar; meninos vítimas possuem esperança no futuro.
Dissertação/ Prado (2006)	Qualitativo empírico	Compreender o abuso sexual em meninos sob a ótica de gênero	Famílias (3) de meninos vítimas	Instituto Médico Legal e Centro de Orientação Médico Psicopedagógico	Entrevistas	Existência de um viés de gênero; patriarcalismo como base e sustentação da inviabilidade da violência sexual de meninos; maior sofrimento da vítima quanto maior a proximidade com o agressor.
Artigo/ Almeida et al. (2009)	Qualitativo empírico	Apresentar um estudo de caso de um menino vítima	Família (1) de menino vítima	Centro de Intervenção Psicossocial	Observações da intervenção e entrevistas	Presença de “carências múltiplas” por parte da vítima (e.g., afeto, bens materiais), utilizadas pelo agressor (tio) para vincular-se ao menino; influência da organização familiar para a situação de violência sexual (e.g., pai alcoolista e machista, mãe submissa, dificuldade em comportamentos protetivos), medo da mãe quanto a possível homossexualidade do filho vítima.
Livro/ Pires Filho (2009)	Qualitativo empírico	Investigar o impacto do abuso sexual intrafamiliar praticado contra meninos a partir da experiência clínica de psicólogos	Psicólogas clínicas (7)	Instituições de atendimento às crianças vítimas	Entrevistas	Meninos vítimas têm maior resistência em falar sobre a violência sexual devido à vergonha e ao receio da estigmatização social; presença de consequências como agressividade, exacerbação da sexualidade e dúvidas quanto à orientação sexual e sintomas de estresse pós-traumático.

Tabela 1

Produções Científicas Nacionais sobre Meninos Vítimas de Violência Sexual - Continuação

<i>Tipo de publicação/ Autor(es)</i>	<i>Tipo/ Delineamento</i>	<i>Objetivo</i>	<i>Participantes (N)</i>	<i>Acesso aos participantes</i>	<i>Meio de coleta de dados</i>	<i>Principais conclusões</i>
Artigo/ Hohendorff et al. (2012)	Teórico	Contribuir para a produção de conhecimento sobre a violência sexual masculina no Brasil	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Embora em menor prevalência, a violência sexual masculina ocorre e necessita de estratégias preventivas e terapêuticas. É necessário o incremento de estudos nacionais sobre a temática.
Artigo/ Hohendorff et al. (2012) ^b	Relato de experiência	Relatar o processo de produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	O embasamento científico e a consulta a materiais audiovisuais sobre violência sexual produzidos anteriormente foram aspectos importantes na produção do documentário; utilização do documentário com três meninos vítimas em tratamento psicológico contribuiu para o processo de revelação da violência sexual no contexto psicoterápico.
Artigo/ Hohendorff et al. (2014)	Empírico qualitativo	Adaptar, aplicar e avaliar um modelo de intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de violência sexual	Meninos vítimas de violência sexual (3)	Conselho Tutelar e Centros de Atendimento às Vítimas	Entrevistas e escalas	Variabilidade no número de sintomas de cada participante na comparação pré e pós intervenção; adequação do modelo quanto à aliança terapêutica e autorrevelação; reajustes no modelo adaptado são necessários.
Artigo/ Hohendorff et al. (2014)	Empírico quantitativo documental	Investigar casos de violência sexual contra meninos notificados na Coordenadoria Geral de Vigilância em Saúde de Porto Alegre, entre 2009 e 2011	Não se aplica	Não se aplica	239 fichas de notificação	Predominância de meninos entre sete e 12 anos, brancos, vítimas de violência sexual intrafamiliar em dois ou mais episódios, perpetrada por agressores do sexo masculino.
Livro/ Hohendorff et al. (2014)	Teórico	Compartilhar informações sobre violência sexual contra meninos	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica
Artigo/ Hohendorff et al. (2015) ^f	Empírico qualitativo	Compreender o processo de revelação da violência sexual sofrida por um menino	Mãe (1) de menino vítima	Serviço de acompanhamento psicossocial	Entrevista e acesso a prontuário	A descoberta sobre a violência sexual ocorreu a partir de conversas entre mãe e filho, que permitiram que a situação fosse revelada aos poucos; revelação desencadeou na mãe sentimentos de culpa e preocupações com a sexualidade do filho.

A análise da produção científica internacional e nacional sobre vítimas masculinas de violência sexual indica dois cenários distintos. Os estudos com participação de homens adultos vítimas de violência sexual na infância predominam na literatura internacional. Essa tendência de participação de homens adultos com histórico de violência sexual na infância pode ser devida ao fato de que a revelação tende a não ocorrer na infância e adolescência. Nacionalmente, o cenário é diferente. A participação de meninos vítimas de violência sexual é predominante e o número de estudos tende a ser menor. Diante disso, objetivou-se, por meio da pesquisa realizada para compor essa tese, conhecer a possível dinâmica da violência sexual contra meninos. Isso foi feito por meio de entrevistas com meninos vítimas de violência sexual e com profissionais da rede de atendimento. Além disso, buscou-se avaliar o processo de formação de parcerias com serviços da rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual para a coleta de dados com meninos vítimas de violência sexual.

A pesquisa descrita nessa tese dá continuidade aos estudos nacionais sobre a temática da violência sexual contra meninos. Busca, ainda, suprir uma lacuna identificada na literatura internacional recente – estudos com meninos vítimas de violência sexual -, uma vez que os resultados de estudos com participação de homens adultos com histórico de violência sexual na infância podem sofrer influência de vieses recordatório. Além disso, avança ao incluir na análise, dados advindos tanto de meninos vítimas de violência sexual quanto de profissionais da rede de atendimento, buscando abarcar o fenômeno da violência sexual contra meninos sob diferentes perspectivas em um único estudo.

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos científicos requerem, no mínimo, três passos: (1) a revisão de literatura, que fornecerá o embasamento teórico do estudo; (2) a definição do objetivo e do método de pesquisa, que nortearão o acesso aos dados empíricos e sua análise; e (3) a divulgação dos seus resultados para a comunidade científica e sociedade em geral. Nessa tese, esses três passos se tornaram três diferentes artigos: (1) um artigo de revisão de literatura no qual modelos da dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes foram revisados e, a partir disso, um modelo integrativo conceitual foi proposto; (2) um artigo empírico, no qual o processo de construção de parcerias com serviços da rede de atendimento a vítimas de violência sexual para a coleta de dados foi apresentado e avaliado e; (3) um artigo empírico, realizado por meio de entrevistas com meninos vítimas de violência sexual e com profissionais da rede de atendimento, com os resultados acerca da dinâmica da violência sexual contra meninos.

A partir do estudo teórico apresentado no capítulo II foi proposto um modelo integrativo conceitual da dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes. Esse modelo integra as proposições feitas em cinco modelos previamente publicados, configurando-se como um modelo mais abrangente e parcimonioso. Esse modelo tem como potenciais proporcionar entendimento mais aprofundado dos modelos existentes de dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes e dos comportamentos típicos de vítimas, agressores e familiares. O entendimento mais aprofundado desses aspectos é importante para subsidiar a intervenção profissional adequada. Ao saberem, por exemplo, da existência de uma síndrome de acomodação (Summit, 1983) e de segredo (Furniss, 1991), os profissionais estarão menos inclinados a duvidar da palavra da criança diante de uma revelação tardia.

A necessidade de parcerias de longa duração entre as universidades/pesquisadores e os serviços da rede, tendo como um dos principais focos a constante capacitação profissional, foi um dos principais resultados do estudo apresentado no capítulo III. Por meio de entrevistas com os psicólogos parceiros da coleta de dados, foi possível avaliar o processo de formação de parceria com cinco serviços da rede para a coleta de dados. Em geral, os profissionais destacaram o caráter pontual das parcerias e a necessidade de maior aproximação entre universidades/pesquisadores e os serviços da rede. Foi possível verificar quais estratégias utilizadas durante a formação da parceria para coleta de dados dessa tese foram avaliadas como adequadas (e.g., oferecimento de curso de extensão, reunião de apresentação do projeto de pesquisa) e quais necessitam reformulação (e.g., maior treinamento para uso de instrumentos,

comunicação com os serviços). Embora a formação de parcerias seja um dos principais meios para a coleta de dados sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, “os longos caminhos percorridos pelos pesquisadores na construção da rede social para a viabilidade da pesquisa” (Costa, Penso, & Almeida, 2006, p. 179/180) não costumam ser o foco de estudos científicos. Sendo assim, o estudo realizado pode contribuir para o preenchimento dessa lacuna, auxiliando pesquisadores na formação de futuras parcerias.

A escassez de casos de meninos vítimas de violência sexual encaminhados aos serviços fez com que se tomasse a decisão de incluir entrevistas com profissionais da rede de atendimento, com experiência no atendimento desses meninos visando responder ao objetivo principal da tese (i.e., conhecer a possível dinâmica da violência sexual contra meninos). Os resultados obtidos evidenciaram a presença de diversos fatores nessa dinâmica referentes a cada fase/estágio (i.e., preparação, episódios, silenciamento, narrativa, repressão e superação) conforme modelo integrativo conceitual proposto nessa tese. Dentre esses fatores, destacam-se a proximidade dos agressores, na sua maioria adolescentes, como um facilitador da ocorrência da violência sexual; o descrédito e o preconceito em relação à ocorrência da violência sexual; a importância das ações protetivas e da rede de atendimento, percebida por todos os profissionais como falha, não preparada para o manejo de casos de violência sexual contra meninos. Esses resultados reforçam a invisibilidade da violência sexual contra meninos em nossa sociedade, tanto pelo número escasso de casos encaminhados quanto pelo descrédito e preconceito com o qual esses casos são manejados. Além disso, os resultados alcançados evidenciam uma denúncia acerca da falta de preparo da rede, que percebe a necessidade de capacitação constante.

O conjunto de estudos apresentados nessa tese possui limitações que devem ser consideradas. Foram revisados cinco modelos de dinâmica da violência sexual contra crianças e adolescentes, aqueles que possuem maior divulgação no meio científico. É provável que outros modelos existam e não tenham sido encontrados. Futuros estudos poderão refinar o modelo integrativo conceitual proposto à medida que outros modelos pré-existentes forem encontrados. A avaliação da formação das parcerias com os serviços da rede foi realizada com base em entrevistas conduzidas pelo mesmo pesquisador que conduziu essas parcerias, o que pode ter levado os profissionais participantes a omitir algumas opiniões. A opinião dos profissionais pode ser acessada em futuros estudos por outro(a) integrante da equipe de pesquisa que não tenha vinculação direta com esses profissionais. Por fim, o número escasso de meninos encaminhados aos serviços de atendimento e o treinamento de curto prazo oferecido aos

profissionais para utilização do protocolo NICHHD resultou em poucas entrevistas e com pouca profundidade. Futuros estudos podem recorrer a um número maior de serviços buscando sanar a escassez de encaminhamentos, bem como investir em treinamentos de longo prazo para que os profissionais consigam utilizar protocolos de entrevista com maior domínio.

Por fim, essa tese se soma a estudos nacionais e internacionais sobre a temática contribuindo para o maior entendimento dos casos de violência sexual contra meninos. O incremento do estudo científico do tema tem o potencial de resultar em sua maior discussão e maior divulgação de informações, não somente no contexto acadêmico, mas social também. Os resultados aqui apresentados serão divulgados aos profissionais dos serviços parceiros oportunamente na expectativa de contribuição com o aumento da visibilidade social da violência sexual contra meninos.

REFERÊNCIAS

- Alaggia, R., & Millington, G. (2008). Male child sexual abuse: A phenomenology of betrayal. *Clinical Social Work Journal*, 36, 265–275. doi: 10.1007/s10615-007-0144-y
- Almeida, T. M. C., Penso, M. A. P., & Costa, L. F. (2009). Abuso sexual infantil masculino: O gênero configura o sofrimento e o destino? *Estilos da Clínica*, 14(26), 46-67.
- Barth, J., Bermetz, L., Heim, E., Trelle, S., & Tonia, T. (2013). The current prevalence of child sexual abuse worldwide: A systematic review and meta-analysis. *International Journal of Public Health*, 58(3), 469-483. doi: 10.1007/s00038-012-0426-1
- Brasil (2009). *Lei n° 12.015, de 7 de agosto de 2009*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm
- Brasil (1990). *Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Brasil (1940). *Decreto-lei n° 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Recuperado de <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102343>
- Cerqueira-Santos, E., Rezende, N., & Correa, P. (2010). Adolescentes vítimas de exploração sexual: Um estudo de casos múltiplos. *Contextos Clínicos*, 3(2), 113-123.
- Costa, L. F., Penso, M. A., & Almeida, T. M. C. (2006). Nos bastidores da pesquisa: Dificuldades no procedimento metodológico em situações-limite. *Psico*, 37(2), 175-181.
- Easton, S. D., Saltzman, L. Y., & Willis, D. G. (2014). “Would you tell under circumstances like that?”: Barriers to disclosure of child sexual abuse for men. *Psychology of Men & Masculinity*, 15, 460-469. doi: 10.1037/a0034223
- Finkelhor, D. & Browne, A. (1985). The traumatic impact of child sexual abuse: A conceptualization. *American Journal of Orthopsychiatry*, 55, 530-541. doi: 10.1111/j.1939-0025.1985.tb02703.x
- Furniss, T. (1991). *The multi-professional handbook of child sexual abuse: Integrated management, therapy and legal intervention*. London: Routledge.
- Habigzang, L. F., Ramos, M. S., & Koller, S. H. (2011). A revelação de abuso sexual: Medidas adotadas pela rede de apoio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27, 467-473.
- Hohendorff, J. V (2012). *Adaptação e avaliação de uma intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de violência sexual* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55080?locale=pt_BR

- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller (2014). Violência sexual contra meninos: Teoria e intervenção. Curitiba: Juruá.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2013). Descrição e processo de adaptação de um modelo de terapia cognitivo-comportamental para meninos vítimas de violência sexual. In A. P. Serafim (Ed.), *Temas em psiquiatria forense e psicologia jurídica III: Violência sexual*. (pp. 249-270). São Paulo: Vetor Editora.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: Dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, 23(2), 395-416. doi: 10.1590/S0103-65642012005000007
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., Rodrigues, L. S., & Koller, S. H. (2012). Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos. *Psico*, 43(2), 228-236.
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S., & Dell’Aglia, D. D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8(1), 46-54.
- Hohendorff, J. V., Salvador-Silva, R., Andrade, R., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). Adaptação e avaliação de uma intervenção cognitivo-comportamental para meninos vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), 424-433. doi: 10.1590/1678-7153.201427302
- Kempe, H. C., Silverman, F. N., Steele, B. F., Droegemueller, W., & Silver, H. K. (1962). The battered-child syndrome. *Journal of the American Medical Association*, 181, 105-112.
- Kia-Keating, M., Grossman, F. K., Sorsoli, L., & Epstein, M. (2005). Containing and resisting masculinity: Narratives of renegotiation among resilient male survivors of childhood sexual abuse. *Psychology of Men & Masculinity*, 6(3), 169–185. doi: 10.1037/1524-9220.6.3.169
- Kristensen, C. H. (1996). *Abuso sexual em meninos* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1432/000177073.pdf?sequence=1>.
- Krugman, R. D., & Ferrier, P. E. (1988). Nurturing a journal, fostering a field. *Child Abuse & Neglect*, 12, v-vi.
- La Rooy, D. J., Brubacher, S. P., Aromäki-Stratos, A., Cyr, M., Irit Hershkowitz, I., Korkman, J., ... & Stewart, H. (2015). The NICHD protocol: A review of an internationally-used evidence-based tool for training child forensic interviewers. *Journal of Criminological Research, Policy and Practice*, 1(2), 76-89. doi: 10.1108/JCRPP-01-2015-0001
- Lisak, D. (1994). The psychological impact of sexual abuse: Content analysis of interviews with male survivors. *Journal of Traumatic Stress*, 7, 525-548.

- Méllo, R. P. (2006). *A construção da noção de abuso sexual infantil*. Belém: EDUFPA.
- Ministério da Saúde (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: Um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/notificacao_maustratos_crianças_adolescentes.pdf
- Olafson, E., & Corwin, D. L. (1993). Modern history of child sexual abuse awareness: Cycles of discovery and suppression. *Child Abuse & Neglect*, 17(1), 7-24.
- Pinto Junior, A. A. (2005). *Violência sexual doméstica contra meninos: Um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor.
- Pires Filho, M. F. (2009). *Abuso sexual em meninos: A violência intrafamiliar através do olhar de psicólogo que atende em instituições*. Curitiba: Juruá.
- Polanczyc, G. V., Zavaschi, L., Benetti, S., Zenker, R., & Gammerman (2003). Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 37(1), 8-14.
- Prado, S. F. (2006). Dimensões da violência sexual contra meninos sob a ótica de gênero: Um estudo exploratório (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2302/1/Sonia%20Fortes%20do%20Prado.pdf>
- Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes (2011). *Relatório disque direitos humanos – Módulo criança e adolescente*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Recuperado de http://portal.mj.gov.br/sedh/spdca/T/RELATORIO%202011%20_agosto_.pdf
- Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes (2010). *Relatório disque denúncia nacional*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Recuperado de <http://www.direitosdacrianca.org.br/midiateca/publicacoes/relatorio-geral-do-disque-100-2010>
- Santos, S. S. & Dell'Aglio, D. D. (2013). O processo de revelação do abuso sexual na percepção de mães. *Psicologia: Teoria e prática*, 15(1), 50-64.
- Secretaria de Direitos Humanos, Presidência da República (2015). *Disque 100: Quatro mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes foram registradas no primeiro trimestre de 2015*. Recuperado de <http://www.sdh.gov.br/noticias/2015/maio/disque-100-quatro-mil-denuncias-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-foram-registradas-no-primeiro-trimestre-de-2015>

- Serafim, A. P., Saffi, F., Achá, M. F. F., & Barros, D. M. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica, 38*(4), 143-147.
- Sgroi, S. M., Blick, L. C., & Porter, F. S. (1982). A conceptual framework for child sexual abuse. In: S. M. Sgroi (Ed.), *Handbook of clinical intervention in child sexual abuse* (pp. 9-37). EUA: The Free Press.
- Sorsoli, L., Kia-Keating, M., & Grossman, F. K. (2008). "I keep that hush-hush": Male survivors of sexual abuse and the challenges of disclosure. *Journal of Counseling Psychology, 55*, 333-345. doi: 10.1037/0022-0167.55.3.333.
- Spiegel, J. (2003). *Sexual abuse of males: The SAM model of theory and practice*. New York: Routledge.
- Stoltenborgh, M., van IJzendoorn, M. H., Euser, E. M., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2011). A global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world. *Child Maltreatment, 16*(2), 79-101. doi: 10.1177/1077559511403920.
- Summit, R. C. (1983). The child sexual abuse accommodation syndrome. *Child Abuse & Neglect, 7*, 177-193.
- Tardieu, A. (1862). *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs*. Paris: J.-B Baillière et Fils.
- Williams, L. C. A., Hackbarth, C., Blefari, C. A., & Padilha, M. G. S. (2012). *Guia de Entrevista Forense NICHD. Versão Português – Brasil*. Recuperado de <http://nichdprotocol.com/the-nichd-protocol/>
- World Health Organization & International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect (2006). *Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence*. Suíça: World Health Organization.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DINÂMICA, CONSEQUÊNCIAS E ATUAÇÃO DAS REDES DE PROTEÇÃO E DE ATENDIMENTO EM CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MENINOS NO

Pesquisador: Sílvia Helena Koller

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 19846313.2.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 450.002

Data da Relatoria: 04/11/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa envolvendo meninos vítimas de violência sexual e seus cuidadores não-abusivos e outros profissionais que fazem parte da rede proteção a esses adolescentes, na faixa dos 12 aos 18 anos. Os estudos sobre violência sexual a crianças e adolescentes são, em sua maioria, com meninas. Diante disso, torna-se importante identificar a dinâmica, consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento em termos de encaminhamentos em casos de VS contra meninos no território brasileiro.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a dinâmica, as consequências e a atuação de redes de proteção e de atendimento em termos de encaminhamentos em caso de violência sexual contra meninos no território brasileiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos às crianças e adolescentes são apontados no projeto em termos de um possível desconforto e timidez provocados nos participantes por terem suas declarações gravadas e pelo conteúdo da entrevista. Em relação ao último aspecto, os pesquisadores estão tomando o cuidado de que os participantes (as crianças e adolescentes, principalmente, mas também os seus cuidadores) estejam em atendimento psicossocial e/ou psicoterápico. O projeto trará benefícios ao serviço de atendimento e proteção por meio de um curso de curta duração sobre a temática.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)308-5698

Fax: (51)308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 450.002

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa pode trazer contribuições na medida em que aborda um tema importante e pouco explorado - violência sexual contra meninos e se preocupa com o atendimento e encaminhamento a esses meninos. A pesquisadora responsável é experiente no trabalho com temáticas como esta, com populações vulneráveis de crianças e adolescentes. A experiência do profissional é destacada pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005) como um ponto positivo na avaliação dos riscos da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram incluídos o Termo de Concordância da Instituição que presta serviços a essas crianças e adolescentes, assim como os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para cada um dos participantes da pesquisa: criança/adolescente, profissional e cuidador. O conteúdo dos Termos está bem detalhado e atende às exigências do CEP, trazendo todos os esclarecimentos necessários aos participantes.

Recomendações:

Ajustar o cronograma para início da pesquisa em outubro e não em setembro.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 07 de Novembro de 2013

Assinador por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)308-5698 Fax: (51)308-5698 E-mail: osp-psico@ufrgs.br

ANEXO B – TERMO DE CONCORDÂNCIA

Pesquisa: Dinâmica, consequências e atuação das redes de proteção e de atendimento em casos de violência sexual contra meninos.

Coordenação: A pesquisa é coordenada pela Prof^a Dr^a Sílvia Helena Koller. A equipe é constituída pelo doutorando Jean Von Hohendorff e pela Dr^a Luísa Fernanda Habigzang.

Natureza da pesquisa: A abordagem da VS contra meninos em estudos científicos é restrita, sendo este um tema de pesquisa que necessita maior visibilidade em todo o mundo. Os estudos disponíveis são, em sua maioria, baseados em casos de meninas vítimas de VS. Diante disso, objetiva-se identificar a dinâmica, as consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento em termos de encaminhamentos em casos de violência sexual contra meninos. Para tal, será realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas semiestruturadas com meninos vítimas de VS, cuidadores não-abusivos e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Participantes da pesquisa: Participarão meninos vítimas de violência sexual com idades entre sete e 18 anos, cuidadores não-abusivos e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Envolvimento do serviço na pesquisa: O serviço indicará um(a) profissional para realizar a coleta de dados. Caberá ao serviço indicar os casos de meninos vítimas de violência sexual para a pesquisa, cuidadores não-abusivos e profissionais, bem como o agendamento das entrevistas com os participantes e a disponibilização de espaço físico para a sua realização. Além disso, os serviços se comprometerão em manter o atendimento psicossocial e/ou psicoterápico às vítimas e cuidadores não-abusivos participantes da pesquisa após sua realização.

Envolvimento dos participantes na pesquisa: Será realizada uma entrevista com cada participante – menino vítima de violência sexual, cuidador não-abusivo e profissional – com cerca de uma hora e trinta minutos de duração. Nestas entrevistas serão investigados a dinâmica da violência sexual, suas consequências e os encaminhamentos adotados pelas redes de proteção e de atendimento. As entrevistas serão gravadas em áudio. Todos os participantes têm a liberdade para não querer participar da pesquisa e podem ainda deixar de participar a qualquer momento.

Riscos e desconforto para o serviço: A concordância em realizar esta pesquisa não traz complicações, tendo em vista que os participantes já estarão inseridos no serviço.

Riscos e desconforto para os participantes: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas sentem quando estão tendo suas declarações gravadas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13/07/1990) e não oferecem risco a integridade física, psíquica e moral dos participantes. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade destes.

Providências e cautelas: Os meninos participantes da pesquisa deverão estar inseridos em serviços de atendimento psicoterápico /ou psicossocial visando a garantir seu bem-estar. Caso seja verificado qualquer desconforto resultante da participação na pesquisa, o serviço no qual o participante está inserido deverá ser informado com o objetivo de manejar tal situação e, caso necessário, os pesquisados colocarão à disposição para assessorar o(a) profissional responsável pelo menino no serviço.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas (inclusive as gravações das entrevistas) nesta pesquisa serão confidenciais, ou seja, apenas os pesquisadores farão uso das informações. Garantimos

que em nenhum momento o nome dos participantes serão revelados. Além disso, o nome da instituição não será revelado.

Benefícios para o serviço: Ao concordar com a realização desta pesquisa, o serviço será beneficiado por meio do oferecimento de um curso de curta duração sobre a temática da pesquisa.

Benefícios para os participantes: Esta pesquisa contribuirá para o maior conhecimento sobre a dinâmica, consequências e encaminhamentos dos casos de violência sexual contra meninos no Brasil. Seus resultados poderão ser utilizados para aperfeiçoar os serviços oferecidos e no planejamento de políticas públicas.

Pagamento para o serviço: O serviço não receberá nenhum pagamento pela parceria.

Pagamento para os participantes: Os participantes não serão remunerados pela sua participação nesta pesquisa.

Contatos: Os membros da equipe de pesquisa poderão ser contados pelo telefone 51.33085150 e 51.98352078 (falar com Jean). O endereço do grupo de pesquisa ao qual os membros da equipe responsável por este estudo estão filiados é Rua Ramiro Barcelos, 2600/104, Porto Alegre. O contato com o Comitê de Ética (CEP) responsável por esta pesquisa é o CEP-Psico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O CEP-Psico pode ser contatado por meio do telefone 51.33085066. O endereço do CEP-Psico é Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre.

Tendo em vista as informações acima apresentadas, eu, de forma livre e esclarecida, declaro ser responsável pelo serviço _____ e concordo com a realização desta pesquisa no referido serviço. Declaro ainda ter recebido uma cópia deste documento.

Local e Data

Assinatura responsável pela instituição

Silvia Helena Koller
Coordenadora da pesquisa

ANEXO C – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Parte 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais/mães ou cuidadores

Pesquisa: Dinâmica, consequências e atuação das redes de proteção e de atendimento em casos de violência sexual contra meninos.

Coordenação: A pesquisa é coordenada pela Prof^a Dr^a Sílvia Helena Koller. A equipe é constituída pelo doutorando Jean Von Hohendorff e pela Dr^a Luísa Fernanda Habigzang.

Natureza da pesquisa: A abordagem da VS contra meninos em estudos científicos é restrita, sendo este um tema de pesquisa que necessita maior visibilidade em todo o mundo. Os estudos disponíveis são, em sua maioria, baseados em casos de meninas vítimas de VS. Diante disso, objetiva-se identificar a dinâmica, as consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento em termos de encaminhamentos em casos de violência sexual contra meninos. Para tal, será realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas semiestruturadas com meninos vítimas de VS, cuidadores não-abusivos e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Participantes da pesquisa: Participarão meninos vítimas de violência sexual com idades entre sete e 18 anos, seus responsáveis e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Envolvimento na pesquisa: Será realizada uma entrevista com o menino e outra com seu responsável – com cerca de uma hora e trinta minutos de duração. Nestas entrevistas serão investigados a dinâmica da violência sexual, suas consequências e os encaminhamentos adotados pelas redes de proteção e de atendimento. As entrevistas serão gravadas em áudio. Todos os participantes têm a liberdade para não querer participar da pesquisa e podem ainda deixar de participar a qualquer momento.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa pode despertar alguns sentimentos negativos relacionados ao tema investigados. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade destes.

Providências e cautelas: Os meninos participantes da pesquisa deverão estar inseridos em serviços de atendimento psicoterápico /ou psicossocial visando a garantir seu bem-estar. Caso seja verificado qualquer desconforto resultante da participação na pesquisa, o serviço no qual o participante está inserido será informado com o objetivo de manejar tal situação e, caso necessário, os pesquisadores se colocarão à disposição para assessorar o(a) profissional responsável pelo menino no serviço.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas (inclusive as gravações das entrevistas) nesta pesquisa serão confidenciais, ou seja, apenas os pesquisadores farão uso das informações. Garantimos que em nenhum momento o nome dos participantes serão revelados. Além disso, o nome da instituição não será revelado.

Benefícios: Esta pesquisa contribuirá para o maior conhecimento sobre a dinâmica, consequências e encaminhamentos dos casos de violência sexual contra meninos no Brasil. Seus resultados poderão ser utilizados para aperfeiçoar os serviços oferecidos e no planejamento de políticas públicas.

Pagamento: Os participantes não serão remunerados pela sua participação nesta pesquisa

Contatos: Os membros da equipe de pesquisa poderão ser contados pelo telefone 51.33085150 e 51.98352078 (falar com Jean). O endereço do grupo de pesquisa ao qual os membros da equipe responsável por este estudo estão filiados é Rua Ramiro Barcelos, 2600/104, Porto Alegre. O contato com o Comitê de Ética (CEP) responsável por esta pesquisa é o CEP-Psico da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul (UFRGS). O CEP-Psico pode ser contatado por meio do telefone 51.33085066. O endereço do CEP-Psico é Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre.

Tendo em vista as informações acima apresentadas, eu, de forma livre e esclarecida, concordo com os procedimentos da pesquisa e manifesto meu interesse em participar. Declaro ter recebido uma cópia deste termo.

Parte 2: Termo de Assentimento Informado para Crianças e Adolescentes

Introdução

Olá. Sou profissional da área de (especificar) e meu nome é _____. Estou realizando uma pesquisa e gostaria que você participasse. Falei com o(a) seu(sua) responsável e ele(ela) já aceitou participar e que você participasse. Gostaríamos de saber se você tem interesse. Você pode escolher se quer participar ou não. Se você não desejar fazer parte na pesquisa, não é obrigado, até mesmo se seus pais concordarem. Você pode discutir qualquer coisa deste formulário com seus pais ou comigo. Você pode decidir se quer participar ou não depois de ter conversado sobre a pesquisa. Pode haver algumas palavras que não entenda ou coisas que você quer que eu explique mais detalhadamente porque você ficou mais interessado ou preocupado. Se desejar, peça explicação a qualquer momento.

Objetivos: Quero conhecer um pouco o que aconteceu com você e o fez ser atendido aqui no serviço, como você se sente em relação a isso e com quais profissionais já conversou.

Voluntariedade de Participação: Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. É você quem decide. Se decidir não participar da pesquisa, é seu direito e nada mudará no seu tratamento aqui no serviço. Mesmo assim, este serviço estará disponível para você. Até mesmo se disser "sim" agora, poderá mudar de ideia depois, sem nenhum problema.

Riscos: A participação nesta pesquisa pode despertar alguns sentimentos negativos relacionados ao tema investigado. Se qualquer coisa incomum acontecer a você, preciso saber. Se você não se sentir bem, tiver preocupações ou perguntas após a pesquisa, você deverá falar com a pessoa que te atende aqui no serviço. Essa pessoa estará disposta a lhe ajudar.

Desconfortos: Há algumas outras coisas que eu gostaria que você soubesse. A participação nesta pesquisa pode trazer um pequeno sentimento de timidez que algumas pessoas sentem quando estão falando sobre assuntos pessoais.

Conferir se a criança/adolescente entendeu os riscos e desconfortos da pesquisa:

____ Sim ____ Não.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa, você estará ajudando profissionais que atendem meninos como você, para que saibam melhor como lhes ajudar.

Incentivos: Você, enquanto participante, não terá nenhuma despesa por participar desta pesquisa, com exceção do transporte até o local do serviço para a realização da entrevista. E nada será pago por sua participação.

Confidencialidade: Não falaremos para outras pessoas que você está nesta pesquisa e também não compartilharemos informação sobre você para qualquer um que não trabalha na pesquisa. As informações sobre você serão coletadas na pesquisa e ninguém, exceto os pesquisadores, poderão ter acesso a elas. Qualquer informação sobre você terá um número ao invés de seu nome. Só os pesquisadores saberão qual é o seu número e manteremos em sigilo. As informações não serão compartilhadas com quem quer que seja, exceto alguém que tenha permissão de acesso à informação.

Compensação: Os seus cuidadores e os profissionais do serviço estarão cientes da realização da pesquisa. Se necessário, tomaremos todas as providências para lhe ajudar.

Divulgação dos resultados: Quando terminarmos a pesquisa, enviaremos um papel com os resultados por escrito para este serviço solicitando que seja compartilhado com você e seu(sua) cuidador(a). Depois, iremos falar com mais pessoas, cientistas e outros, sobre a pesquisa. Faremos isto escrevendo e compartilhando relatórios e indo para as reuniões com pessoas que estão interessadas no trabalho que fazemos. Porém, o nome de nenhum participante vai aparecer nos nossos resultados.

Direito de recusa ou retirada do assentimento informado: Você não tem que estar nesta pesquisa. Ninguém ficará bravo ou chateado com você se você disser não, a escolha é sua. Você pode dizer "sim" agora e mudar de ideia durante a entrevista e tudo continuará bem.

Contato: Você pode me perguntar o que quiser. Se tiver alguma dúvida depois da entrevista pode entrar em contato pelo telefone 51.98352078.

Assentimento Informado da Criança/Adolescente

Entendo que todos os passos desta pesquisa foram explicados ao participante, que concordou verbalmente em participar em cada um deles, após ter sido informado detalhadamente sobre os objetivos e seu envolvimento, bem como riscos, desconfortos, benefícios, incentivos, confidencialidade, compensação, divulgação dos resultados e direito de recusa ou retirada do assentimento informado.

Certificado de Consentimento Livre e Esclarecido de Pais e de Assentimento Informado da Criança/Adolescente

Entendemos que a pesquisa é sobre a dinâmica, consequências e encaminhamentos de casos de violência sexual contra meninos e envolve uma entrevista comigo e uma com o menino do qual sou responsável. Sabemos que poderemos desistir da pesquisa quando quisermos, sem prejuízo nenhum. Assim, em comum acordo, aceitamos participar da pesquisa e declaramos ter recebido uma cópia deste documento.

Local e Data

Assinatura participante

Assinatura responsável

Silvia Helena Koller
Coordenadora da pesquisa

Parte 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para profissionais

Pesquisa: Dinâmica, consequências e atuação das redes de proteção e de atendimento em casos de violência sexual contra meninos.

Coordenação: A pesquisa é coordenada pela Prof^a Dr^a Sílvia Helena Koller. A equipe é constituída pelo doutorando Jean Von Hohendorff e pela Dr^a Luísa Fernanda Habigzang.

Natureza da pesquisa: A abordagem da VS contra meninos em estudos científicos é restrita, sendo este um tema de pesquisa que necessita maior visibilidade em todo o mundo. Os estudos disponíveis são,

em sua maioria, baseados em casos de meninas vítimas de VS. Diante disso, objetiva-se identificar a dinâmica, as consequências e a atuação das redes de proteção e de atendimento em termos de encaminhamentos em casos de violência sexual contra meninos. Para tal, será realizado um estudo qualitativo por meio de entrevistas semiestruturadas com meninos vítimas de VS, cuidadores não-abusivos e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Participantes da pesquisa: Participarão meninos vítimas de violência sexual com idades entre sete e 18 anos, seus responsáveis e profissionais das redes de proteção e de atendimento.

Envolvimento na pesquisa: Será realizada uma entrevista com o(a) profissional responsável pelo atendimento do menino no serviço com cerca de uma hora e trinta minutos de duração. Nesta entrevista será investigada a dinâmica da violência sexual, suas consequências e os encaminhamentos adotados pelas redes de proteção e de atendimento. As entrevistas serão gravadas em áudio. Todos os participantes têm a liberdade para não querer participar da pesquisa e podem ainda deixar de participar a qualquer momento. Caso o(a) profissional que está realizando as entrevistas com os meninos e cuidadores não-abusivos seja o mesmo que é responsável pelo atendimento do menino, este deverá responder ao roteiro de entrevista para profissionais por escrito.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações para os profissionais.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas (inclusive as gravações das entrevistas) nesta pesquisa serão confidenciais, ou seja, apenas os pesquisadores farão uso das informações. Garantimos que em nenhum momento o nome dos participantes serão revelados. Além disso, o nome da instituição não será revelado.

Benefícios: Esta pesquisa contribuirá para o maior conhecimento sobre a dinâmica, consequências e encaminhamentos dos casos de violência sexual contra meninos no Brasil. Seus resultados poderão ser utilizados para aperfeiçoar os serviços oferecidos e no planejamento de políticas públicas.

Pagamento: Os participantes não serão remunerados pela sua participação nesta pesquisa.

Contatos: Os membros da equipe de pesquisa poderão ser contados pelo telefone 51.33085150 e 51.98352078 (falar com Jean). O endereço do grupo de pesquisa ao qual os membros da equipe responsável por este estudo estão filiados é Rua Ramiro Barcelos, 2600/104, Porto Alegre. O contato com o Comitê de Ética (CEP) responsável por esta pesquisa é o CEP-Psico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O CEP-Psico pode ser contatado por meio do telefone 51.33085066. O endereço do CEP-Psico é Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre.

Entendo que a pesquisa é sobre a dinâmica, consequências e encaminhamentos de casos de violência sexual contra meninos. Sei que posso desistir da pesquisa quando quiser, sem prejuízo nenhum. Assim, em comum acordo, aceito participar da pesquisa e declaro ter recebido uma cópia deste documento.

Local e Data

Assinatura participante

Silvia Helena Koller
Coordenadora da pesquisa

ANEXO D – FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Número identificador do participante: _____		Data de realização da entrevista: _____	
Cidade: _____		Estado: _____	
Data de nascimento: __/__/__		Idade: __ anos	
Mora com: <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Padrasto <input type="checkbox"/> Madrasta <input type="checkbox"/> Imãos <input type="checkbox"/> Avó <input type="checkbox"/> Avó		<input type="checkbox"/> Tio(s) <input type="checkbox"/> Pais adotivos <input type="checkbox"/> Imãos adotivos <input type="checkbox"/> Acolhimento <input type="checkbox"/> Companheira(o) <input type="checkbox"/> Filho(s) <input type="checkbox"/> Outros: _____	
		Cor: <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Amarela (oriental) <input type="checkbox"/> Negra <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Parda	
		Estado civil: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Separado/Divorciado <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Mora junto	
		Estuda: <input type="checkbox"/> Sim Série: _____ <input type="checkbox"/> Não Motivo: _____	
Escolaridade do responsável: <input type="checkbox"/> Analfabeto <input type="checkbox"/> Sabe ler, mas não foi à escola <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto (1º grau) <input type="checkbox"/> Fundamental completo (1º grau) <input type="checkbox"/> Médio incompleto (2º grau)		<input type="checkbox"/> Médio completo (2º grau) <input type="checkbox"/> Superior incompleto (universitário) <input type="checkbox"/> Superior completo (universitário) <input type="checkbox"/> Pós-Graduação <input type="checkbox"/> Não sei	
		Renda familiar mensal: R\$ _____ <input type="checkbox"/> Não sei	

ANEXO E - PROTOCOLO DE ENTREVISTA NICHD^{1 2}

Versão Português – Brasil³

I. Introdução

1. **“Olá, meu nome é _____ e sou _____ (identificar profissão). (Apresentar todas as outras pessoas presentes na sala; idealmente mais ninguém estará presente).**

Hoje é _____ (data) e agora são _____ (horas). Estou entrevistando _____ (nome do entrevistado/a) no/a _____ (local).”

“Como você pode ver, temos aqui um gravador para gravar a nossa conversa. Assim, é mais fácil me lembrar de tudo o que você vai me contar. Às vezes, esqueço de algumas coisas e a gravação me ajuda a ouvir com toda a atenção sem ter que escrever tudo o que você disser”.

“Parte do meu trabalho envolve falar com crianças (jovens) sobre as coisas que aconteceram com elas. Eu me encontro com muitas crianças (jovens) e assim elas podem me contar a verdade sobre coisas que lhes aconteceram. Por isso, antes de começarmos, quero ter certeza de que você compreendeu que é muito importante contar a verdade” (com crianças pequenas explicar: “Aquilo que é verdade e aquilo que é mentira”).

“Se eu disser que os meus sapatos são vermelhos (ou verdes), isso é verdade ou é mentira?”

(Esperar pela resposta, e depois dizer:)

2. **“Não pode ser verdade, pois os meus sapatos são (pretos, azuis, etc.). E se eu disser que agora estou sentado(a), isso é verdade ou é mentira (certo ou errado)?”**

(Esperar pela resposta).

3. **“Isso é verdade porque você pode ver que estou de fato sentada”.**

“Já vi que você compreende o que significa contar a verdade. É muito importante que hoje você me diga só a verdade. Você deve me falar só das coisas que realmente aconteceram com você”.

(Pausa)

4. **“Se eu fizer uma pergunta que você não entendeu, diga “eu não entendi”. Está bem?”**

(Pausa)

“Se eu não entender o que você está me contando, vou pedir para você me explicar melhor”.

(Pausa)

¹ NICHHD – National Institute of Child Health and Human Development

² Versão traduzida do original em inglês: Lamb, M.E.; Hershkowitz, I.; Orbach, Y. & Esplin, P.W. (2008). Appendix 1 – Investigative interview protocol. In Lamb, M.E.; Hershkowitz, I.; Orbach, Y. & Esplin, P.W., *Tell me what happened – Structured investigative interviews of child victims and witnesses* (pp. 283-299) England: Wiley-Blackwell

³ Tradução de Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Chayene Hackbarth, Carlos Aznar Blefari e Maria da Graça Saldanha Padilha com base na versão original em inglês e na versão para Portugal de Carlos Eduardo Peixoto, Isabel Alberto e Catarina Ribeiro, em 2010 (instrumento não publicado).

5. “Se eu fizer uma pergunta e você não souber a resposta diga apenas “eu não sei”.

“Então se eu perguntar qual o nome do meu cachorro? (Ou o nome do meu filho), o que você vai responder?”

(Esperar pela resposta).

(Se a criança responder, “Não sei”, dizer:)

6. “Certo. Você não sabe mesmo”.

(se a criança tentar ADIVINHAR, dizer:)

“Não, você não sabe a resposta porque você não me conhece. Quando não sabe a resposta, não precisa responder – pode dizer que não sabe”.

(Pausa)

7. “E se eu disser coisas erradas, você deve me avisar. Está bem?”

(Espere por uma resposta).

8. “Então se eu disser que você é uma menina de dois anos (quando estou entrevistando um menino de 5 anos, etc.), o que é que você deve dizer?”

(Se a criança não o corrigir, dizer:)

“O que você deve dizer se eu errar e disser que você é uma menina de 2 anos (quando estou entrevistando um menino de 5 anos, etc.)?”

(Espere por uma resposta).

9. “Correto. Agora você já sabe o que fazer quando eu errar ou disser alguma coisa que não está certa”.

(Pausa)

10. “Então se eu disser que você está de pé, o que você diz?”

(Espere por uma resposta)

“Correto”

II. Estabelecimento de Rapport

“Agora quero te conhecer melhor”.

1. “Me conta coisas que você gosta de fazer”.

(Espere que a criança responda).

(Se a criança der uma resposta detalhada, passe para a questão 3).

(Se a criança não responder, se der uma resposta curta, ou ficar empacada, pode perguntar:)

2. “Eu queria mesmo te conhecer melhor. Preciso que você me conta coisas que gosta de fazer”.

(Espere por uma resposta).

3. “Me conta mais sobre (atividade que a criança mencionou no seu relato. Evitar abordar temáticas como programas de televisão, filmes e fantasia)”.

(Espere por uma resposta).

III. Treino da Memória Episódica

Evento Especial

(Nota: esta seção é alterada dependendo do acontecimento).

(antes da entrevista, identifique um acontecimento recente que a criança tenha vivido - primeiro dia na escola, aniversário, celebração de um feriado, etc. - coloque questões sobre este evento. Se possível, escolher um acontecimento que terá sucedido no mesmo momento que o abuso alegado ou suspeito. Se o abuso alegado aconteceu durante um dia ou evento particular questione sobre outro acontecimento).

“Eu quero saber mais sobre você e sobre as coisas que você faz”.

1. “Há uns (dias/semanas) **foi** (Férias/festa de aniversário/o primeiro dia na escola/outro evento). **Me conta tudo o que aconteceu** (no teu aniversário, Páscoa, etc.)” (Espere por uma resposta).

1a. “Pensa bem sobre (atividade ou evento) **e me conta tudo o que aconteceu nesse dia, desde que você se levantou de manhã até** (parte do evento mencionado pela criança na resposta à questão anterior)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

1b. “E então o que é que aconteceu?”

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

1c. “Me conta tudo o que aconteceu depois (parte do evento mencionado pela criança) **até você ir para a cama naquela noite”.**

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

1d. “Me conta mais sobre (atividade mencionada pela criança)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

1e. “Há pouco você me contou que (atividade mencionada pela criança). **Me conta tudo sobre isso”.**

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

(Se a criança fizer uma descrição pobre do acontecimento continue com as questões 2 e 2e).

(Nota: se a criança fizer uma descrição detalhada do acontecimento, diga:)

“É muito importante que você me conta tudo o que lembrar sobre as coisas que aconteceram com você. Você pode me contar coisas boas e coisas ruins”.

Ontem

2. “Eu quero ficar sabendo das coisas que acontecem com você. Me conta tudo o que aconteceu ontem, desde a hora que você acordou até ir para a cama”.

(Espere por uma resposta).

2a. “Eu não gostaria que você deixasse alguma coisa de fora. Me conta tudo o que aconteceu desde que você acordou até (alguma atividade ou parte do acontecimento mencionado pela criança na resposta à questão anterior)”.

(Espere por uma resposta).

2b. “E daí o que é que aconteceu?”

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

2c. “Me conta tudo o que aconteceu depois (alguma atividade ou parte do evento mencionado pela criança) até você ir para a cama”.

(Espere por uma resposta)

2d. “Me conta mais sobre (atividade mencionada pela criança)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo da seção).

2e. “Há pouco você me contou que (atividade mencionada pela criança). Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: use esta questão quantas vezes forem necessárias ao longo desta seção).

Hoje

SE A CRIANÇA NÃO FORNECER UMA DESCRIÇÃO DETALHADA SOBRE ONTEM, REPITA AS QUESTÕES 2 A 2e SOBRE HOJE, USANDO “A HORA QUE VOCÊ CHEGOU AQUI” COMO EVENTO FINAL.

“É mesmo muito importante que você me conta tudo o que aconteceu realmente com você”.

Parte Substantiva da Entrevista

IV. Transição para as questões substantivas

“Agora que conheço você um pouco mais, queria falar sobre porque você veio aqui hoje”.

(Se a criança começa a falar, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação - Exemplo: “o David mexeu no meu pipi” ou “o papai me bateu”) - prossiga para a questão 10.

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não fizer uma alegação, prossiga para a questão 1).

1. “Eu entendo que pode ter acontecido alguma coisa com você. Me conta tudo o que aconteceu desde o início até ao fim”.

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não fizer uma alegação, prossiga para a questão 2).

2. “Como eu já te contei, o meu trabalho consiste em falar às crianças sobre as coisas que podem ter acontecido com elas. É muito importante que você me conta por que (você está aqui/veio aqui/eu estou aqui). Me conta por que você acha que (a sua mãe, o seu pai, a sua avó) te trouxe aqui hoje (ou “porque você acha que eu estou conversando com você hoje)”.

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não fizer qualquer alegação e o entrevistador não sabe se existiu algum contato prévio com outras instituições, prossiga para as questões 4 e 5).

(Se a criança não fizer qualquer alegação e o entrevistador sabe que existiu algum contato prévio com a rede de proteção, prossiga para a questão 3).

3. “Ouvi falar que você conversou com (Médico/Professor/Assistente Social/outro profissional) no (data e local). Me conta sobre o que falaram.

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não fizer uma alegação e não existam marcas físicas visíveis, prossiga para a questão 5).

(Quando as marcas físicas forem visíveis, o entrevistador viu fotografias delas ou lhe contaram sobre elas, ou ainda quando a entrevista ocorreu em um hospital ou logo a seguir ao exame médico, diga:)

4. “Posso ver (eu ouvi) que você tem (marcas/feridas/hematoma) no/na (localização no corpo da criança). Me conta tudo sobre isso.

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não fizer qualquer alegação, prossiga com a questão 5).

5. “Alguém anda te incomodando?”

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não confirmar e não fizer qualquer alegação, prossiga com a questão 6).

6. “Aconteceu alguma coisa com você no/em (local/data do alegado incidente)?”

(Nota: não mencione o nome do alegado suspeito ou qualquer pormenor da alegação).

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não confirmar ou não fizer qualquer alegação, prossiga com a questão 7).

7. “Alguém fez alguma coisa com você que você achou que não era certo?”

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não confirmar ou não fizer qualquer alegação, prossiga com a questão 8).

PAUSA – Você está preparado para continuar? Será melhor fazer um intervalo antes de continuar?

SE DECIDIR CONTINUAR, VOCÊ DEVERÁ FORMULAR VERSÕES ESPECÍFICAS DAS QUESTÕES 8 E 9 COM OS FATOS DISPONÍVEIS ANTES DA ENTREVISTA. ASSEGURE-SE QUE AS QUESTÕES SUGIRAM O MENOR NÚMERO DE DETALHES POSSÍVEL. SE VOCÊ AINDA NÃO FORMULOU TAIS QUESTÕES, FAÇA UM INTERVALO E FORMULE-AS CUIDADOSAMENTE ANTES DE PROSSEGUIR.

8. “Alguém (fazer breve sumário das alegações ou suspeita sem adiantar nomes para o alegado ofensor ou providenciar pormenores demasiados)” (Por exemplo: “Alguém te bateu?” ou “alguém mexeu no seu pipi? “ou outras partes privadas do seu corpo?”)

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não confirmar ou não fizer qualquer alegação, continue com a questão 8).

9.O/A teu/tua professor/a (médico(a)/psicólogo(a)/vizinho(a)) me contou/ me mostrou (“que você mexeu no pipi de outras crianças/ ”um desenho que você fez”) e eu queria saber se alguma coisa aconteceu com você. Alguém (fazer breve sumário das alegações ou suspeitas sem adiantar nomes do suposto ofensor ou sem dar muitos detalhes)”. Por exemplo: (“Alguém na tua família te bateu?” ou “alguém mexeu no teu pipi? “ou outras partes privadas do seu corpo?”).

(Se a criança começar a responder, espere).

(Se a criança fizer uma descrição sumária da alegação, prossiga para a questão 10).

(Se a criança fizer uma descrição detalhada, prossiga para a questão 10a).

(Se a criança não confirmar ou não fizer qualquer alegação, continue com a seção XI).

V. Investigação do(s) incidente(s)

Questões Abertas

10. (SE A CRIANÇA TIVER MENOS DE 6 ANOS DE IDADE, REPITA A ALEGAÇÃO USANDO AS PRÓPRIAS PALAVRAS DA CRIANÇA SEM DAR DETALHES OU NOMES QUE A CRIANÇA NÃO TENHA MENCIONADO).

(Então diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).
(se a criança tiver mais de 6 anos de idade diga simplesmente:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

10a. “E depois o que é que aconteceu?” ou “Me conta mais sobre isso”.

(Espere pela resposta).
(Use esta questão quantas vezes forem necessárias até obter uma descrição completa do suposto incidente).

(NOTA: SE A DESCRIÇÃO DA CRIANÇA FOR GENÉRICA, IR PARA A QUESTÃO 12 (DIFERENCIAÇÃO DOS INCIDENTES). SE A CRIANÇA DESCREVER UM INCIDENTE ESPECÍFICO, PROSSIGA PARA A QUESTÃO 10b).

10b. “Lembra daquele (a) (dia/noite) e me conta tudo o que aconteceu desde (acontecimento precedente já mencionado pela criança) até (alegado evento abusivo conforme descrito pela criança)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: utilize esta questão quantas vezes for necessário para assegurar que todos os detalhes do incidente foram descritos).

10c. “Me conta mais sobre (pessoa/objeto/atividade mencionados pela criança)”.

(Espere por uma resposta).
(Nota: utilize esta questão quantas vezes for necessário ao longo da seção).

10d. “Você me contou que (pessoa/objeto/atividade mencionada pela criança), me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).
(Nota: utilize esta questão quantas vezes for necessário durante a seção).

[Se você ficar confuso sobre determinados detalhes (por exemplo, sobre a sequência dos incidentes), pode ser útil dizer:]

“Você já me contou muita coisa, e isso foi muito útil, mas estou um pouco confuso(a). Para ter certeza de que entendi, comece pelo princípio e me conta (como é que tudo começou/ o que aconteceu exatamente/ como é que tudo acabou/ etc.)”.

Questões específicas relacionadas com a informação relatada pela criança:

(Se ainda faltam alguns pormenores centrais da alegação ou se esses são pouco claros após a utilização exaustiva de questões abertas, utilize questões diretas. É importante salientar a importância de realizar questões abertas com questões diretas, sempre que apropriado).

(Nota: primeiro foque a atenção da criança no detalhe mencionado, e depois faça a pergunta direta).

Formato geral das questões diretas:

11. Você contou (pessoa/objeto/atividade), (completar a questão direta).

Exemplos:

1. “Você contou que estava numas lojas. Onde você estava exatamente?” (pausa para a resposta). **“Me conta mais sobre essa loja”.**

2. “Há pouco você me disse que a tua mãe ‘te bateu com essa coisa comprida’. Me conta mais sobre aquela coisa.”

3. “Você falou de um(a) vizinho(a). Você sabe o nome dele(a)?” (pausa para a resposta) **“Me fala sobre esse teu vizinho”** (Não pedir uma descrição).

4. “Você disse que um dos teus colegas viu isso. Como ele/ela se chama? (pausa para a resposta) “Me conta o que ele estava fazendo lá”.

Separação de Incidentes

12. “Isso aconteceu uma vez ou mais do que uma vez?”

(Se o incidente aconteceu uma vez, prossiga para o Intervalo). (Na página 11).

(Se o incidente aconteceu mais do que uma vez prossiga para a questão 13. LEMBRE-SE DE EXPLORAR OS INCIDENTES INDIVIDUAIS DESCRITOS EM DETALHES CONFORME ESTÁ DESCRITO A SEGUIR).

Explorando Incidentes Específicos quando há vários Questões Abertas

13. “Me conta tudo sobre a última vez (a primeira vez/no momento em que no (localização)/a hora que (alguma atividade específica/outra vez que você se lembre bem) **em que aconteceu alguma coisa.”**

(Espere por uma resposta).

13a. “E daí o que aconteceu?” ou **“Me conta mais sobre isso”.**

(Espere por uma resposta).

(Nota: utilize esta questão quantas vezes for necessário durante a seção).

13b. “Lembre-se daquele (dia/noite) **e me conta tudo o que aconteceu, desde** (incidentes prévios mencionados pela criança) **até** (suposto incidente abusivo conforme descrito pela criança)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: utilize variantes dessa questão quantas vezes for necessário até que todos os detalhes do incidente sejam descritos pela criança).

13c. “Me conta mais sobre (Pessoa/objeto/ atividade referida pela criança)”.

(Espere por uma resposta).

(Nota: Utilize esta questão quantas vezes for necessário durante a seção).

13d. Você disse que (pessoa/objeto/ atividade mencionada pela criança). **Me conta tudo sobre isso”.**

(Espere por uma resposta).

(Nota: utilize esta questão quantas vezes for necessário na seção).

Questões específicas relacionadas com as informações dadas pela criança

(Se ainda faltarem alguns pormenores centrais da alegação ou se esses são pouco claros após a utilização exaustiva de questões abertas, utilize questões diretas. É importante salientar que deve utilizar questões abertas emparelhadas com questões diretas à elaboração, sempre que apropriado).

(Nota: Primeiro focalize a atenção da criança no detalhe mencionado, e só depois faça questão direta).

Formato geral das questões diretas

14. “Você contou que (pessoa/ objeto/ atividade mencionada pela criança), (Como/ Quando/ Onde/ Quem/ Qual/ O quê) (completar a questão direta)”.

Exemplos:

1. Você contou que estava vendo televisão. Onde é que você estava exatamente?

(Espere por uma resposta).

“Me conta tudo sobre isso”.

2. “Há pouco você contou que seu pai “te deu um safanão”. Me conta exatamente o que ele te fez”.

3. “Você contou que um(a) amigo(a) estava presente. Como é que ele/ela se chama?

(Espere por uma resposta).

“Me conta o que ele/ela estava fazendo”.

4. “Há pouco você me contou que o teu tio te “meteu o dedo” (te deu um beijo na boca/ fez sexo com você/ etc.). Me conta exatamente o que ele te fez.”

REPITA TODA A SEÇÃO PARA TANTOS INCIDENTES MENCIONADOS PELA CRIANÇA QUE VOCÊ QUEIRA DESCREVER. A NÃO SER QUE A CRIANÇA TENHA ESPECIFICADO APENAS DOIS INCIDENTES, PERGUNTE SOBRE “O ÚLTIMO” E DEPOIS “O PRIMEIRO”, E DEPOIS “OUTRA VEZ QUE VOCÊ SE LEMBRA BEM”.

VI. Intervalo

(Diga à criança:)

“Agora quero ter a certeza que eu entendi tudo e ver se há mais alguma coisa que eu preciso te perguntar. Eu vou só (pensar sobre o que você me disse/ rever as minhas anotações/ conferir com NOME).

(Durante o Intervalo, reveja as informações que você recolheu, compare com as exigências de sua instituição forense, veja se faltam algumas informações e planeje o resto da entrevista. CERTIFIQUE-SE DE FORMULAR AS QUESTÕES ESPECÍFICAS POR ESCRITO).

Depois do Intervalo

(De forma a obter mais informações importantes que ainda não foram descritas pela criança, faça questões adicionais diretas e abertas, conforme foi descrito anteriormente). Retome as questões abertas (“Me conta mais sobre isso”) depois de fazer uma questão direta. Depois de finalizar estas questões, proceda para a seção VII.

VII. Obtendo informações que ainda não foram mencionadas pelas crianças

(Você deve fazer essas questões apenas se já tentou utilizar outras estratégias e ainda sente que faltam informações de relevância forense. É muito importante emparelhar questões abertas (“Me conta tudo sobre isso”) sempre que possível).

(Nota: No caso de múltiplos incidentes, você deve direcionar a criança para os incidentes relevantes utilizando as próprias palavras da criança, fazendo questões específicas apenas depois de dar oportunidade à criança de elaborar sobre os detalhes centrais do incidente).

(ANTES DE PROSSEGUIR PARA O PRÓXIMO INCIDENTE, CERTIFIQUE-SE DE QUE VOCÊ OBTVEU TODOS OS DETALHES QUE FALTAVAM SOBRE CADA INCIDENTE ESPECÍFICO).

Formato geral das questões específicas baseadas em informação que ainda NÃO foram mencionadas pela criança

“Quando você me contou sobre (incidente específico identificado no tempo ou espaço) você disse que (Pessoa/Objeto/Ação). (Fez/era questão específica)?”

(Espere por uma resposta).

(Quando apropriado, continue com uma questão aberta; diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

Exemplos:

1. “Quando você me contou sobre a hora do porão, você disse que ele tirou a calça dele. Aconteceu alguma coisa com as suas roupas?”

(Espere por uma resposta).

(Depois que a criança responder, diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

2. “Quando você me contou sobre a última vez, contou que ele te tocou. Ele te tocou por cima da tua roupa?”

(Espere por uma resposta).

(Depois que a criança responder, diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

3. “Ele te tocou por baixo da tua roupa?”

(Espere por uma resposta).

(Depois que a criança responder, diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

4. “Você me contou que alguma coisa aconteceu no parquinho. Alguém viu o que aconteceu?”

(Espere por uma resposta).

(Depois que a criança responder, diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

5. “Você sabe se aconteceu alguma coisa parecida com outras crianças?”

(Espere por uma resposta).

(Depois que a criança responder, diga:) “Me conta tudo sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

VIII. Se a criança não mencionar as informações esperadas

Utilize apenas as dicas que forem relevantes.

Se tiver conhecimento de conversas em que a informação foi mencionada diga:

1. “Me contaram que você falou com (...) no (data/local). Me conta sobre o que falaram”.

(Se a criança não fornecer mais informações, faça a questão 2; Se a criança fornecer mais informações, diga:)

“Me conta tudo sobre isso”.

(Prossiga com outras dicas abertas, como: **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

Se tem conhecimento de anteriores revelações e a informação ainda não lhe foi revelada diga:

2. Me contaram (ele/ ela me disse) que você disse (resuma a alegação, especificando sem mencionar, se possível, detalhes incriminatórios).

“Me conta tudo sobre isso.”

(Prossiga com outras dicas abertas, como: **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

3. Se alguma coisa foi observada, diga:

a. **“Me contaram que alguém viu (...). Me conta tudo sobre isso”.**

(Prossiga com outras dicas abertas, como: **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

Se a criança negar, vá para a 3b.

b. **Aconteceu alguma coisa com você em/no (tempo/espço)? Me conta tudo sobre isso.”**

(Prossiga com outros estímulos abertos, como: **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

Se a criança apresentar/apresentou lesões ou marcas físicas, diga:

4. **“Vejo (me disseram) que você tem (marcas/se machucou/tem um dodói) no (...). Me conta tudo sobre isso”.**

(Prossiga com outras dicas abertas, como? **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

5. **“Alguém te (sumário da alegação sem mencionar o nome do possível ofensor, a não ser que a criança já tenha referido o nome ou fornecido informações incriminatórias).**

Se a criança negar prossiga para a próxima seção.

Se a criança responder afirmativamente diga:

“Me conta tudo sobre isso”.

(Prossiga com outras dicas abertas, como: **“Me conta mais sobre isso”**, se necessário).

IX. Informações sobre a revelação

“Você disse porque veio falar comigo hoje. Me contou muita coisa e isso me ajudou a entender o que aconteceu”.

(Se a criança mencionou ter contado a outra pessoa sobre o(s) incidente(s), prossiga para a questão 6. Se a criança não mencionou ter contado a outra pessoa, averigüe a possibilidade de revelação imediata dizendo:)

1. **“Me conta o que é que aconteceu depois (do último incidente)”.**

(Espere por uma resposta).

2. **“E daí o que aconteceu?”**

(Nota: Utilize esta questão quantas vezes for necessário na seção).

(Se a criança fizer uma revelação, prossiga para a questão 6. Se não fizer, faça as questões seguintes).

3. **“Alguém mais sabe o que aconteceu?”**

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6).

(Se a criança confirmar, mas não a identificar o nome, pergunte:)

“Quem?”

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6).

4. “Agora quero saber como é que as outras pessoas descobriram o que aconteceu (último incidente)”.

(Espere por uma resposta. Se a criança identificar alguém, prossiga para a questão 6).

(Se faltar informação, faça as seguintes questões).

5. “Quem foi a primeira pessoa, além de você e do (suposto ofensor) a descobrir que (suposto abuso descrito pela criança)?”

(Espere por uma resposta).

6. “Me conta tudo o que conseguir sobre como (“a primeira pessoa mencionada pela criança”) descobriu”.

(Espere por uma resposta).

(Depois diga:)

“Me conta mais sobre isso”.

(Espere por uma resposta).

(Se a criança descrever uma conversa, diga:)

“Me conta tudo o que vocês falaram”.

(Espere por uma resposta).

7. “Alguém mais sabe sobre (suposto abuso descrito pela criança)?”

(Espere por uma resposta).

(Depois diga:) “Me conta mais sobre isso”.

(Se a criança descrever uma conversa, diga:)

“Me conta tudo sobre o que falaram”

(Espere por uma resposta).

(Se a criança não disser que contou a alguém, pergunte:)

REPITA TODA A SEÇÃO SE NECESSÁRIO PARA CADA INCIDENTE DESCRITO PELA CRIANÇA

ATENÇÃO: Antes do encerramento, questionar o menino sobre consequências. Utilizar tabela ao final do protocolo.

X. Encerramento

(Diga:)

“Hoje você me contou muitas coisas e eu quero te agradecer por ter me ajudado”.

1. “Há mais alguma coisa que você acha que eu deveria saber?”

(Espere por uma resposta).

2. “Há alguma coisa que você quer me contar?”

(Espere por uma resposta).

3. “Há alguma pergunta que você queira fazer?”

(Espere por uma resposta).

4. “Se quiser falar comigo outra vez, pode me ligar para este número de telefone (forneça à criança um cartão com o seu nome e o número de telefone)”.

XI. Tópico Neutro

“O que você vai fazer hoje depois de sair daqui?”

(Converse com a criança durante alguns minutos sobre um tópico neutro).

“São (especifique as horas) e esta entrevista acabou”.

**ANEXO F - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SOBRE MENINOS
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Inicialmente, farei perguntas sobre violência sexual contra meninos. Peço, por gentileza, que você responda cada pergunta de forma mais completa possível considerando sua experiência com estes casos.

1. O que você tem a dizer sobre a sua experiência no atendimento de meninos vítimas de violência sexual?
2. Com base em sua experiência profissional com meninos vítimas de violência sexual, você percebe algum padrão de ocorrência desse fenômeno? Explique.
3. Como as famílias de meninos vítimas de violência sexual lidam com essa situação?
4. Você percebe que meninos vítimas de violência sexual apresentam consequências relacionadas à essa experiência? Quais? (Investigar sentimentos/emoções, comportamentos, consequências físicas)
5. Qual a sua percepção sobre a atuação da rede especificamente nos casos de meninos vítimas de violência sexual?

ANEXO G – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SOBRE PARCERIA

Agora, farei perguntas sobre a parceria que estabelecemos. Pesquisadores buscam estabelecer parcerias que sejam proveitosas tanto para o avanço do conhecimento científico quanto para os serviços envolvidos. Devido a isso, o objetivo desta entrevista é obter a sua opinião sobre a experiência desta parceria. É importante que você compartilhe sua opinião sem receio algum. Estas informações são importantes para o aprimoramento de futuras parcerias.

Avaliação geral

1. De modo geral, qual sua opinião sobre sua experiência como parceira(o) na coleta de dados dessa pesquisa?
2. Você mudaria algo na forma como a parceria foi desenvolvida?
3. Solicito que você avalie cada etapa da parceria:

Parceria

3.1. Pré-parceria

- 3.1.1. O que você tem a dizer sobre os contatos telefônicos realizados no período anterior à parceria, quando a equipe de pesquisa ainda buscava possíveis serviços parceiros?
- 3.1.2. O que você tem a dizer sobre a reunião de apresentação do projeto de pesquisa?
- 3.1.3. O que você tem a dizer sobre a formalização da parceria, quando solicitamos a assinatura do termo de concordância? Foi necessário solicitar autorização para algum(a) gestor(a)? Quem? Como foi isso?
- 3.1.4. Você tem mais alguma coisa a dizer sobre essa etapa de pré-parceria?

3.2. Parceria

- 3.2.1. O que você tem a dizer sobre o curso de extensão que foi oferecido?
- 3.2.2. Como você avalia o treinamento realizado com os psicólogos responsáveis pela coleta de dados?
- 3.2.3. O que você tem a dizer sobre o material para a coleta de dados que foi entregue a cada psicólogo(a) parceiro(a)?
- 3.2.4. Me fale sobre a sua experiência em (ou estar disponível para) coletar os dados para esta pesquisa? (Possível questão complementar: Na sua opinião, o que contribuiu para que a coleta no seu serviço ocorresse com xx caso/s)?
 - 3.2.4.1 Me fale sobre sua experiência na utilização do protocolo NICHHD? **Pergunta somente para psicólogos que realizaram alguma entrevista.*
 - 3.2.4.2. Como foi para você a tarefa de enviar o material coletado à equipe de pesquisa? **Pergunta somente para psicólogos que realizaram alguma entrevista.*

3.2.5. O que você tem a dizer sobre o acompanhamento da coleta realizado pela equipe de pesquisa (contatos telefônicos, e-mails)?

3.2.5.1. Caso o serviço tenha solicitado revisão da primeira entrevista, perguntar: O que você tem a dizer sobre a revisão da primeira entrevista?

3.3. *Finalização*

3.3.1. Esta parceria está próxima de ser finalizada. Qual a sua expectativa sobre isto?

Parcerias futuras

4. Na sua opinião, como devem ser as parcerias entre pesquisadores/universidade e serviços da rede?

ANEXO H – TABELA DE ANÁLISE DOS DADOS

Dados Entrevista	Temas	Comentários livres